

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

LILIAN CARLA BONIFÁCIO FIGUEIREDO  
NATÁLIA MARQUES ZEN

GRANDE REPORTAGEM IMPRESSA

“CONSTRUINDO PONTES”

Bauru, 2013

LILIAN CARLA BONIFÁCIO FIGUEIREDO  
NATÁLIA MARQUES ZEN

## GRANDE REPORTAGEM IMPRESSA

### “CONSTRUINDO PONTES”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social, da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador : Prof.Dr. Maximiliano Martin Vicente

Bauru, 2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

LILIAN CARLA BONIFÁCIO FIGUEIREDO  
NATÁLIA MARQUES ZEN

Grande Reportagem Impressa  
“Construindo Pontes”

Trabalho de conclusão de curso aprovado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ para obtenção do  
título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Banca examinadora

---

Maximiliano Martin Vicente

---

Lílian Juliana Martins

---

Mayra Fernanda Ferreira

## DEDICATÓRIA

À minha avó, meus pais, meu irmão, familiares e amigos,  
por sempre acreditarem em minhas capacidades.  
À Chiara Lubich e o ideal de unidade, que ajudou a construir  
meus valores e a procurar viver sempre por Aquele algo maior.  
**(Natália Marques Zen)**

Aos meus pais, Clayton e Lourdes, pelo imenso apoio e amor.  
Ao Vi, que está junto de Deus, e sua família que me acolheu,  
Cesar, Elisabete e Amanda.  
Aos amigos que sempre se  
mostraram a disposição em todos os momentos.  
**(Lilian C. B. Figueiredo)**

## **AGRADECIMENTOS**

Queremos, antes de qualquer pessoa, dirigir nossa gratidão a Deus, que nos deu a vida e que sentimos estar sempre conosco especialmente durante todo trabalho de conclusão de curso.

Eu, Lilian C. B. Figueiredo agradeço aos meus pais, Clayton Figueiredo e Maria de Lourdes Bonifácio, por suportarem os longos períodos em que estive longe durante todos esses anos de faculdade, mas que sempre fizeram seu amor presente de todas as formas possíveis. Também como minha família, registro o muito obrigada ao meu namorado Cesar Camargo, por estar ao meu lado em todos os momentos, a futura sogra Elisabete Camargo que respeito e amo como minha mãe. Ao amigo e companheiro de trabalho, Robson de Facio Faria, sou grata por toda a paciência e pelos conselhos durante todos esses meses. Como parte da estrutura em minha vida, agradeço aos amigos da Catedral do Divino Espírito Santo pelas orações e por todos os momentos em que viram minhas lágrimas e me acolheram.

Eu, Natália Marques Zen, agradeço aos meus pais, Jorge Luiz Zen e Myriam Suely Marques Zen, por serem os melhores pais que alguém poderia ter. Vocês são meu ponto de partida nessa vida, meu referencial para não me perder e a “casa” para onde sempre eu posso retornar. Pai, sua exigência de amar se reflete, com seus exemplos, em meu ser. Mãe, seu apoio e companhia são essenciais em minha vida. Agradeço à minha avó, dona Carmen, umas das pessoas mais especiais que eu tenho o prazer de conviver diariamente. Vó, sua prontidão, suas comidas, suas ajudas, histórias e seu grande coração são admiráveis. Agradeço ainda ao meu irmão Rodrigo, sem o qual eu também não seria quem eu sou. Você me ajuda com silêncio e suas palavras de tranquilidade e sabedoria. Sei que posso contar com você até sermos velhinhos com nossas bengalas. À Mayu, que, com seu jeitinho espontâneo, enche nossa casa de alegria. Também um obrigado em formato de nuvem ao meu namorado Lucas, que tem sido um verdadeiro “anjo” enviado por Deus e me incentiva a ser uma pessoa melhor. Ao Movimento dos Focolares e todos os amigos que tenho por meio dele, vocês são minha segunda família! A todos vocês, minha gratidão e sincero afeto!

De modo especial, agradecemos a algumas pessoas da família Marques que foram de extrema importância para a realização deste trabalho. Ao professor e jornalista Luís Henrique Marques, somos gratas pelas inúmeras contribuições, correções, explicações e toda atenção. Ao diagramador André Marques, obrigado por presentear-nos com sua arte, criatividade, rapidez e paciência.

Nossa gratidão e carinho novamente a Jorge Zen, carona fundamental que não mediu esforços (e nem distâncias!) para nos ajudar chegando até os mais longínquos rios de Botucatu atrás de certos pescadores. Pelas ideias e apoio, deixamos também nosso muito obrigado ao casal Rodrigo Zen e Mayumi Kubota.

Grande agradecimento registramos ao professor Maximiliano Martin Vicente por nos acolher com o projeto em andamento, oferecendo doses de estímulo e tranquilidade até o último instante. E à professora Suely Maciel, obrigada por sua paciência e orientação no início desse nosso projeto.

Sim, lembrando de todas essas pessoas percebemos o quanto não estivemos sozinhas em todo esse caminho. Por fim, agradecemos uma à outra pela paciência, carinho, compreensão e momentos de nervoso que sempre acabaram em risadas altas horas da “madruga”. É um desejo recíproco que essa amizade dure muitos e muitos anos. Nós chegamos, juntas!

*“A alma do Ecumenismo é uma atitude. Ora, esta atitude é, simultaneamente, uma postura nova da mente e do coração, que se traduz, posteriormente, em gestos concretos em nosso dia a dia”.*

Sandra Ribeiro

**RESUMO:**

Este trabalho é uma proposta de grande reportagem para a revista *Época* em sua versão impressa. Diante da constatação segundo a qual a religião é assunto cada vez mais evidente na sociedade, o objetivo dessa produção é pautar um tema que é pouco difundido nos meios de comunicação de informação geral: o ecumenismo. A abordagem desse tema implicou desde a definição do conceito de ecumenismo, passando por uma breve trajetória histórica (limitações e progressos) até o relato da ação de organizações e pessoas que se envolvem concreta e cotidianamente com o ideal ecumênico. O processo de produção desse trabalho está descrito neste relatório e inclui as técnicas jornalísticas utilizadas, bem como a fundamentação teórica sobre jornalismo e sobre o tema.

**Palavras-chave:** jornalismo de revista; ecumenismo; religião; grande reportagem.

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. METODOLOGIA .....</b>	<b>13</b>
1.1 Técnicas de pesquisa.....	13
1.2 Entrevistas e pesquisa de campo.....	16
1.3 Pauta geral .....	18
1.4 Cronograma .....	19
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Jornalismo Impresso .....</b>	<b>20</b>
2.1.1 Gêneros e formatos .....	20
2.1.2 A reportagem.....	22
2.1.3 A pauta .....	24
2.1.4 As fontes .....	25
2.1.5 A entrevista .....	26
2.1.6 A grande reportagem .....	27
2.1.7 Jornalismo de revista .....	29
<b>2.2 Ecumenismo .....</b>	<b>31</b>
2.2.1 Um contexto religioso.....	31
2.2.2 O cristianismo e as denominações.....	33
2.2.3 Ecumenismo.....	35
<b>3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....</b>	<b>38</b>
3.1 A revista Época .....	38
3.2 A grande reportagem impressa “Construindo Pontes” .....	39
3.3 Seleção de edições usadas como referência .....	42
3.3.1 Características gráficas .....	44
3.4 Processo de produção.....	45

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

Como já dizia uma canção do compositor e cantor brasileiro Gilberto Gil, “andar com fé eu vou que a fé não costuma falhar”. Essa crença de que as coisas podem melhorar, de que as situações difíceis irão passar, de que existe alguma força superior que ajuda o homem a sobreviver no planeta Terra... Tudo isso pode não ser noticiado, pois diz respeito ao que está dentro do ser humano e nem sempre tem relação direta com uma perspectiva mais objetiva de fatos concretos e de relevância social, mas que é essa crença que, muitas das vezes, impulsiona a vida de milhões de pessoas mundo afora, não se pode negar. Dados mostram que 84% da população mundial se identifica com alguma religião<sup>1</sup>, dentre as quais se destacam o cristianismo, o islamismo, o budismo e o judaísmo.

A multidão de fiéis adeptos de Jesus Cristo pertence à religião cristã ou cristianismo. Dentro dessa grande religião, as pessoas se organizam em diferentes denominações (igrejas), como a Igreja Luterana, Anglicana, Batista, Católica Romana, entre tantas outras.

A presença e, conseqüentemente, influência da religião e das igrejas na sociedade têm se tornado cada vez mais evidente. Exemplos disso são os líderes das igrejas eleitos para cargos de representatividade legislativa. Nas propagandas eleitorais, em muitos casos, o perfil religioso é, implícita ou explicitamente, mais forte do que a legenda ou ideologia partidária. No mundo, o contexto fundamentalista do Oriente Médio em meio aos conflitos territoriais, políticos e étnicos já se tornou fato cotidiano nos noticiários. Recentemente, outro fato que obteve destaque foi uma “crise religiosa” na Europa, continente historicamente cristão, mas que tem passado por uma forte secularização, segundo a qual as pessoas parecem estar se afastando de qualquer prática religiosa.

Observando a frequência, os tipos de conteúdos produzidos, quais os

---

<sup>1</sup> Dados do Pew Research Center <<http://www.pewresearch.org/>> recolhidos em 2010 e utilizados na matéria do portal de notícias oglobo.globo.com em 18 dez.2012. <<http://oglobo.globo.com/mundo/pessoas-sem-religiao-sao-3-maior-grupo-de-estudo-mundial-de-crencas-7087597>>. Acesso em 5 ago. 2013.

assuntos e de que maneira são abordados a respeito de religião ou igreja, é visível que existem alguns vícios e tendências no tratamento da imprensa a respeito da temática religiosa. Geralmente, a atenção é dada sempre a situações de conflito ou a polêmicas a respeito de doutrinas. O tom dominante, enfim, é o de destaque às diferenças. Indo para além desse quadro, existem algumas raras propostas de produções jornalísticas que contemplam uma abordagem mais plural e menos espetacular dessa temática.

Tendo como ponto de partida esse contexto religioso, este trabalho deseja se diferenciar das perspectivas de divisão, abordando o tema da busca pela unidade entre as igrejas cristãs, denominado ecumenismo.

De acordo com Comissão de Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso da Arquidiocese de São Paulo (CEDRA), ecumenismo pode ser entendido como “impulso espiritual e dinâmico, permanente e não temporário, provocado pelo Espírito Santo, levando os cristãos a trabalhar organizadamente pela unidade da Igreja”.<sup>2</sup>

A existência de organizações representativas do movimento ecumênico, como o Conselho Mundial de Igrejas (CMI), é uma das diferentes e contundentes demonstrações que o ecumenismo é um tema de interesse da opinião pública mundial. Segundo informações do site<sup>3</sup> do CMI, em 2012, 345 igrejas compunham o organismo chegando a 560 milhões de cristãos em 110 países e territórios no mundo todo.

Mesmo tendo uma abrangência significativa, ainda assim, o conceito de ecumenismo é pouco difundido. Confusões são comuns, sendo a principal delas a que trata o ecumenismo como sinônimo de sincretismo (mistura de elementos de várias crenças) ou diálogo inter-religioso (relações entre diferentes religiões, neste caso, no âmbito para além do cristianismo).

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é produzir uma grande reportagem para revista impressa selecionando como modelo a revista *Época*. Nossa intenção é mostrar o tema ecumenismo enquanto “ponte entre as

---

<sup>2</sup> Definição citada na obra *Introdução às principais religiões. História, Ecumenismo e diálogo inter-religioso* (p. 170) do autor Irivaldo Joaquim de Souza no Programa de Pós Graduação em Geografia em Maringá, 2001.

<sup>3</sup> Dados retirados do site do CMI <<http://www.oikoumene.org/es/member-churches/list>>

igrejas”, ou seja, um espaço de diálogo, respeito mútuo e tolerância entre as igrejas cristãs.

Com a criação desse produto jornalístico, pretendemos apresentar o tema de maneira informativa e interpretativa, encaminhando o leitor para a reflexão segundo a qual existem também ações em unidade entre as igrejas e não apenas conflitos, como tradicionalmente têm veiculado os grandes veículos de imprensa.

A opção pelo formato de grande reportagem foi feita para possibilitar um aprofundamento no tema, com abordagem de diversos ângulos sobre o mesmo: a definição clara do que é o ecumenismo; quais igrejas o aceitam e como o desenvolvem na atualidade; experiências de pessoas que vivenciam a prática ecumênica no cotidiano; os grupos e organizações que existem para promover ações ecumênicas e os reflexos do ecumenismo na sociedade.

Justificamos a escolha pelo jornalismo impresso em revista, pois é um espaço que permite produzir pautas mais aprofundadas sobre temas com diferentes desdobramentos, como é o caso do ecumenismo. Nesse meio de comunicação, texto, foto e infografia se complementam a fim de apresentar um panorama ao leitor de forma explicativa e contextualizadora.

Então, fez-se necessária a escolha por uma revista de circulação nacional, cuja publicação fosse semanal e na qual as questões em torno de religião fossem tratadas em grandes reportagens, com determinado aprofundamento. Considerou-se também que o veículo fosse de informação geral para que o tema ecumenismo alcance um público leitor mais amplo e diversificado, ao invés de um veículo de mídia especializada em religião, na qual a questão ecumênica já é disseminada. Dentre as revistas que se encaixam nesse perfil, a *Época* surgiu como a melhor opção.

A revista *Época* é uma publicação da Editora Globo, em circulação desde 1998. Segundo dados apresentados no site da Editora Globo<sup>4</sup>, atualmente, são produzidos aproximadamente 390 mil exemplares em uma projeção que alcança quase quatro milhões de leitores da versão impressa no

---

<sup>4</sup>Dados obtidos pelo site <[http://epoca.globo.com/midiakit/arquivos/MidiaKit\\_Epoca\\_2013-PT.pdf](http://epoca.globo.com/midiakit/arquivos/MidiaKit_Epoca_2013-PT.pdf)> Acesso em 24 mai. 2013.

Brasil.

De acordo com a missão, visão e crenças apresentadas pela publicação<sup>5</sup>, o tema ecumenismo mostra-se uma pauta viável, pois é coerente com os princípios editoriais, dentre eles: “transformar a confusão em clareza”, “propor a diversidade e pluralidade de visões”, “passar a ideia de um mundo sem muros, globalizado”.

## **1. METODOLOGIA**

### **1.1 Técnicas de Pesquisa**

Iniciamos a pesquisa fazendo uma sondagem para compreender o que é ecumenismo e procuramos produções jornalísticas a respeito desse tema na internet e em materiais impressos.

Para nos aproximarmos da realidade ecumênica, tivemos uma primeira conversa com a coordenadora do Grupo Ecumênico de Bauru, Elaine Martins. A partir desse encontro, obtivemos os primeiros materiais como apostilas, livros e recortes de jornal. Essas informações também foram fundamentais para sabermos quais aspectos do ecumenismo poderiam compor a pauta da grande reportagem.

Outra parte da pesquisa consistiu na pesquisa bibliográfica e documental que proporcionou embasamento teórico sobre jornalismo e ecumenismo. Essa etapa de fundamentação foi importante, pois identificamos as técnicas jornalísticas a serem empregadas, as definições básicas do formato de grande reportagem e as características do jornalismo em revista, meio para o qual destinamos este produto. Quanto ao ecumenismo, cabe ressaltar que, além da teoria sobre o conceito apresentada neste relatório, as principais obras e documentos sobre o tema também foram fonte de informações durante o processo de redação da reportagem.

Apresentamos a seguir as principais obras que nortearam nosso trabalho dando ênfase aos conteúdos pontuados na fundamentação teórica.

---

<sup>5</sup> Esses dados foram obtidos no site da publicação <<http://revistaepoca.globo.com/Da-Redacao/noticia/2011/12/nossa-missao.html>>. Acesso em 04 mai.2013.

A obra *Teoria e prática de redação para o jornalismo impresso*, de Luís Henrique Marques, nos auxiliou na conceituação de algumas técnicas jornalísticas como a entrevista e nas definições de características do jornalismo em revista em termos de linguagem e estilo.

Podemos dizer que o livro *O estilo magazine*, de Sérgio Vilas Boas embasou grande parte da nossa pesquisa em jornalismo de revista, pois, além de referenciar as características do meio para o qual se destina o produto, trata também sobre reportagem e seus tipos narrativos, jornalismo interpretativo e outros fatores que resumem a especificidade do texto em revistas. Inclusive, o autor esclarece no que consiste a revista informativa-geral, classificação que se aplica ao nosso produto.

Do livro *A reportagem, teoria e técnica de entrevista em pesquisa jornalística*, do autor Nilson Lage, retiramos definições sobre processos essenciais à produção da reportagem, tais como: a pauta, as fontes e a entrevista. Além disso, a obra expõe também uma possível classificação das revistas (especializada, ilustrada e de informação geral).

Utilizamos duas obras do autor José Marques de Melo: *A opinião no jornalismo brasileiro* e *Gêneros jornalísticos no Brasil*, sendo que esta última se trata de uma organização em conjunto com Francisco de Assis. Da primeira, retiramos a definição de gênero, enquanto que, na segunda, pudemos destacar os tipos gênero e seus formatos correspondentes.

Para conceituar a grande reportagem e algumas características desse formato, fizemos uso do livro *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, de Edvaldo Pereira Lima.

Do livro *Entrevista - O diálogo possível*, da autora Cremilda Medina, retiramos o conceito de entrevista, e destacamos a pertinência do fenômeno de identificação.

Considerando que o tema de nosso produto se insere no cristianismo, utilizamos a obra *Uma breve história do Cristianismo*, de Carter Lindberg para pontuar brevemente alguns aspectos da trajetória histórica das igrejas.

Partindo para a fundamentação teórica sobre ecumenismo, consideramos *Ecumenismo - Simples tolerância ou estilo de vida?*, de Sandra

Ferreira Ribeiro, como a obra referencial para a compreensão do tema. A autora procura responder à pergunta de seu título com a ênfase na segunda opção, ou seja, com base em um discurso humano e cristão, mostrando que toda a humanidade é chamada à unidade e que o ecumenismo pode começar a ser uma realidade a partir do querer-se bem entre os próprios cristãos.

Outra obra fundamental para a pesquisa foi o livro *Fazendo Ecumenismo - uma exigência evangélica e uma urgência histórica*, de Enrique Cambón. Sua importância se dá por tratar do tema de forma simples e introdutória, sendo assim muito eficaz para nós, “leitoras de primeira viagem” sobre o tema ecumenismo. Além disso, há um enfoque no ecumenismo “prático”, do dia a dia, o qual queremos evidenciar em nosso produto.

*Introdução as principais religiões*, do autor Ivaldo Joaquim de Souza, relata de maneira breve a história das principais religiões e esclarece uma questão importante: as diferenças entre ecumenismo e diálogo inter-religioso.

Outra forma de pesquisa importante foi feita por meio da internet, pois possibilitou ampliar nosso conhecimento sobre ecumenismo, uma vez que conseguimos ter acesso a mais informações sobre a história do movimento ecumênico, as ações atuais e outras realidades que envolvem o tema.

Essa técnica/ferramenta também proporcionou a coleta de informações para a redação da grande reportagem, então, damos destaque aos principais sites acessados com o intuito de obter informações especificamente sobre as instituições que coordenam os trabalhos ecumênicos tanto em âmbito mundial quanto nacional.

No site do Conselho Mundial de Igrejas, pudemos observar como a organização mundial atua, sendo a principal orientadora acerca de questões ecumênicas. Ali, além de notícias, encontramos documentos importantes para o movimento ecumênico, disponíveis para download.

Já pelo site do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs, órgão coordenador de grande parte dos trabalhos envolvendo ecumenismo no Brasil, pudemos ter contato com conteúdo jornalístico (notícias sobre as igrejas, divulgações de eventos, campanhas, por exemplo) e também ter acesso ao download de alguns documentos com direcionamentos para a prática do

ecumenismo.

No site da Coordenadoria Ecumênica de Serviço foi possível conhecer a influência do movimento ecumênico em ações sociais, para além das questões religiosas. Nessa página, observamos a amplitude dos projetos e também suas peculiaridades.

## **1.2 Entrevistas e pesquisa de campo**

Concluindo a pesquisa bibliográfica e documental, começamos o trabalho que engloba as entrevistas e pesquisa de campo, já em preparação para a produção da grande reportagem.

Enquanto pesquisa de campo, participamos de algumas reuniões do Grupo Ecumênico de Bauru para compreender quais são suas atividades e como se organizam. A partir desse contato, encontramos a possibilidade de acompanhar alguns eventos realizados por esse grupo durante a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, ocorrida no mês de maio/2013 na cidade de Bauru. Nessa oportunidade, pudemos recolher material que foi utilizado na produção da grande reportagem como fotos, resultados de arrecadações e informações obtidas por meio de relatos.

A etapa das entrevistas foi fundamental para o trabalho, pois por meio delas tivemos contato com teólogos, sociólogos e historiadores que foram fontes essenciais para a produção. Além disso, entrevistamos membros de diferentes igrejas cristãs que estão envolvidas com o ecumenismo em diferentes realidades.

Para compreender melhor quais foram as fontes escolhidas, decidimos dividi-las em três grandes grupos: pesquisadores, fontes oficiais e personagens.

Entrevistamos pesquisadores com o intuito de obter informações e análises sobre o ecumenismo. São eles: os historiadores Agemir de Carvalho Dias e Luís Henrique Marques, as teólogas Sandra Ferreira Ribeiro e Beatriz Sarkis e a socióloga Loriza Lacerda.

Entre as fontes oficiais, algumas nos informaram sobre os organismos ecumênicos, como a secretária geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs

do Brasil (CONIC), Romi Bencke; a diretora executiva da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) Sônia Mota e a coordenadora do Grupo Ecumênico de Bauru, Elaine Martins. Outra fonte oficial foi o pastor da Igreja Batista do Estoril de Bauru, Gílson Souto Maior, que falou a respeito da posição de sua igreja que não é adepta do ecumenismo.

Para ilustrar uma parte da reportagem, utilizamos os depoimentos de alguns personagens que vivenciam o ecumenismo em seu cotidiano. Para exemplificar a relação no âmbito familiar, entrevistamos o casal Luís (católico) e Varnete Montanha (presbiteriana). Expondo os vínculos de amizade, conversamos com o jovem alemão Cornelius Krüger (luterano). Falamos com o frei Constantino Bongo e o pastor da Igreja Assembleia de Deus, Benedito Correa, para abordar também o relacionamento entre amigos, porém, com um diferencial: são líderes religiosos de diferentes igrejas. Junto a eles esteve presente também o leigo Kioshi Inoue, responsável pelo início dessa amizade.

Alguns personagens foram fontes utilizadas no decorrer da grande reportagem para complementar informações, seja por conta de suas experiências de vida, seja para relatar fatos relacionados ao ecumenismo. Esses são os casos da greco-ortodoxa Liana Harami que evidenciou a vivência de uma realidade ecumênica e inter-religiosa; do jovem metodista Alexandre Quintino, presente na Assembleia do Conselho Mundial das Igrejas; e de Lucyvanda Moura, organizadora do livro sobre os 40 anos de existência da CESE.

Para direcionar cada uma dessas entrevistas, produzimos pautas específicas que se encontram no apêndice deste relatório, a partir da página 52.

### 1.3 Pauta geral

Esta grande reportagem tem a intenção de apresentar o que é ecumenismo e como esse conceito está presente na sociedade atual. Para isso, buscamos mostrar diferentes realidades diretamente relacionadas à experiência ecumênica, tais como famílias compostas por pessoas de diferentes igrejas cristãs, jovens envolvidos em movimentos que motivam a unidade entre as igrejas, representantes de diferentes igrejas cristãs que se organizam e formam grupos ecumênicos para desenvolver ações.

Além dos personagens, a grande reportagem terá como fontes pesquisadores e especialistas da religião para abordar aspectos que têm relação com o ecumenismo.

Para apresentar outra visão acerca do tema, serão expostos os principais argumentos do representante de ao menos uma igreja que não é adepta à proposta ecumênica.

Sendo assim, a grande reportagem busca responder as principais perguntas apresentadas a seguir:

1. No que consiste o ecumenismo? Quais são seus princípios?
2. Quando o ecumenismo surgiu e qual sua trajetória histórica?
3. Qual é a influência dessa prática na sociedade?
4. Quais as principais dificuldades para a difusão do ecumenismo?
5. Existem estruturas consolidadas em torno do ecumenismo? Qual sua função?
6. Como as pessoas vivenciam o ecumenismo na prática?
7. Quais os principais argumentos das igrejas que rejeitam o ecumenismo?



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Jornalismo impresso

Ainda que hoje seja muito mais recorrente a utilização de tecnologias e recursos digitais para o suporte da produção jornalística, não se pode desconsiderar o longo caminho que o “jornalismo em papel” percorreu.

Depois da invenção da prensa por tipos móveis do alemão Johannes Gutemberg, passando por toda história dos jornais na Europa e depois nos outros continentes, até a veiculação de manuais de estilo, o jornalismo impresso revelou ser sempre de suma importância para o que hoje consideramos comunicação.

São muitos os manuais que indicam qual a melhor forma de noticiar, de direcionar o texto ou fazer uma boa entrevista e incontáveis as técnicas que podem ser utilizadas no fazer jornalístico. Com o intuito de pontuar elementos do jornalismo, selecionamos alguns itens dos quais fizemos uso na elaboração do nosso produto.

#### 2.1.1 Gêneros e formatos

Como o universo de definições para os gêneros e formatos jornalísticos é extenso, selecionamos o conceito de gênero com base na obra *A opinião no jornalismo brasileiro*, de José Marques de Melo. Para o professor e jornalista,

Gênero é um conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público. Um relato que, pela dinâmica própria do jornalismo, se vincula às especificidades regionais, mas incorpora contribuições dos intercâmbios transnacionais e interculturais. (...) É a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura). (MELO, 1994, p.61 e 64).

Além dessa definição de gênero, em outra obra, *Gêneros Jornalísticos no Brasil*, Melo explica, em conjunto com Francisco de Assis, que podem também existir tipos de gênero, a saber: informativo, interpretativo, opinativo,

utilitário e diversional (Melo e Assis, 2010).

Como o enfoque deste trabalho é o jornalismo em revista, reconhecemos que o gênero que mais se ajusta a esse meio de comunicação é o interpretativo, pois permite ao jornalista aprofundar a informação, especialmente na relação desta com seu contexto, o que favorece extrapolar o simples relato e oferecer ao público uma compreensão mais verossímil de fatos e temas.

Diante da realidade em que os meios de comunicação tendem a querer informar sempre mais em termos de quantidade e, por isso, de forma apressada e superficial, o caráter interpretativo se torna ainda mais importante, pois se concentra em determinado fato e o aborda detalhadamente.

Na medida em que informa e orienta, também contribui para enriquecer o acervo de conhecimentos da coletividade. Isso se efetiva por intermédio de informações que esclarecem o que está acontecendo e não é percebido claramente pelo público. Os fatos são, portanto esclarecidos, explicados, detalhados. Essa função corresponde ao jornalismo interpretativo (MELO, 2003, p.29).

Entre as definições de formato, Janine Marques (2009, p.5) explica que “os formatos podem ser considerados tipos de emissões que caracterizam determinado gênero jornalístico, obedecendo a critérios de estilo, conteúdo e estrutura”. Embora essa descrição seja retirada de análise a partir dos gêneros no rádio, entendemos que também se aplica às produções jornalísticas em geral.

Sendo assim, para compreender os diferentes formatos existentes, valemo-nos aqui de uma alternativa de classificação presente na obra *Gêneros Jornalísticos no Brasil* (Melo & Assis, 2010). Vamos, pois, às categorias em questão:

- Para o gênero informativo, são formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista.
- Para o gênero opinativo, são formatos: editorial, artigo, resenha ou crítica, coluna, comentário, crônica, charge, caricatura e cartas do leitor.
- Para o gênero interpretativo, são formatos: análise, perfil, enquete e

cronologia.

- Para o gênero diversional, são formatos: história de interesse humano; história colorida.
- Para o gênero utilitário, são formatos: indicador, cotação, roteiro, serviço.

Ainda que busquemos uma classificação precisa para compreender gêneros e formatos, de forma geral, é viável dizer que, para cada formato, existe um gênero predominante, mas há outros que também podem ser utilizados conforme os diferentes meios de comunicação. No caso específico da reportagem (objeto de nosso interesse neste trabalho) - esta se encaixa no gênero informativo (predominantemente) porque apresenta fatos da atualidade. No entanto, quando o formato reportagem é aplicado em uma revista, esta tende a adquirir características do gênero interpretativo.

### **2.1.2 A reportagem**

Nilson Lage (2001, p.15-17) explica a razão de ser da reportagem ao afirmar que “a realidade deveria ser tão fascinante quanto a ficção e, se não fosse, era preciso fazê-la ser. Foi então que nasceu a reportagem e seu instrumento, o repórter”. O autor elucida ainda que “a reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como discernir o que é privado, de interesse individual; do que é público, de interesse coletivo”.

Ao comparar a reportagem com a notícia, elemento básico da produção jornalística, Vilas Boas define que

a reportagem é uma notícia, mas não é uma notícia qualquer. É uma notícia avançada na medida em que sua importância é projetada em múltiplas versões, ângulos e indagações. Ao valorizar a notícia, a reportagem revitaliza o estilo jornalístico, soltando um pouco as amarras da padronização. Uma boa reportagem não deve abrir mão de pesquisa, sob pena de alterar o espírito de investigação, curiosidade, desafio e surpresa, que estão acima de tudo. (VILAS BOAS, 1996, p.43)

Alguns elementos caracterizam a reportagem quanto ao estilo

jornalístico. Para Vilas Boas (1996, p. 43), a narração é traço fundamental, pois desenvolve o encadeamento dos fatos articulando as informações por meio dos personagens, das ações e de um ambiente. O autor enfatiza que “sem um “quem” ou um “o quê” não se pode narrar ou produzir interesse”.

Dentro da narrativa jornalística de uma reportagem há algumas características que garantem a verossimilhança dos fatos: a humanização do relato, o texto de natureza impressionista e a objetividade dos fatos narrados (SODRÉ & FERRARI, 1986, p. 15 *apud* Vilas Boas, 1996, p. 44)

Essas características, por sua vez, serão desenvolvidas em diferentes intensidades conforme o assunto ou objeto da reportagem. Nesse sentido, para Vilas Boas, a ordenação dos fatos determina os tipos narrativos.

Quando os acontecimentos são organizados de acordo com a tradicional regra jornalística da “pirâmide invertida”, ou seja, com a ordenação do anúncio dos fatos de maior para os de menor relevância, trata-se de uma “reportagem de fatos”. Tem-se uma “reportagem de ação” quando a narrativa é construída para “envolver o leitor com a visualização das cenas”; neste caso, a descrição é um fator bem desenvolvido. Em outro tipo, priorizando-se a pesquisa e a exposição objetiva de informações sobre determinado fato ou assunto se compõe a “reportagem documental”. (VILAS BOAS, *Ibid*, p. 44)

Além de pontuar definições e características da reportagem, no livro *O Estilo Magazine* (1996), Vilas Boas esclarece questões a respeito do texto em revista semanal de informações. Para o autor, a interpretação e investigação são elementos importantes a se destacar: “o caráter investigativo é inerente a qualquer tipo de reportagem, pois a interpretação exige também a investigação”. E a revista é espaço oportuno para exercitar esses elementos.

Quanto aos aspectos textuais, Vilas Boas cita alguns fatores que são típicos da reportagem em revista e, por consequência, conquistam a atenção do leitor diferenciando-a dos jornais. “A revista não precisa de um lead, qualquer que seja o tipo. A revista precisa de uma *abertura envolvente*”. Por outro lado, enquanto o lead é algo mais técnico, que resume as informações de um fato podendo ser apresentado isoladamente, a narratividade da reportagem

exige um começo, meio e fim, um planejamento. “De cara você precisa pegar o leitor, conduzi-lo ao longo da narrativa e oferecer-lhe uma sensação satisfatória. O leitor precisa, no mínimo, terminar de ler o texto com uma suave sensação de que chegou a algum lugar”. (VILAS BOAS, 1996, p. 45)

Da mesma forma que a abertura de uma reportagem é característica importante, o fechamento exige cuidado e atenção especiais. Vilas Boas dá alguns conselhos: “não tente resumir a narrativa ou resumir pontos marcantes da matéria”; “nunca pense que uma boa “história” pode ser contada por si mesma” e “é preciso lembrar que seu texto deve ter unidade”. Em suma, para o autor, a intenção do jornalista ao finalizar o texto deve ser de uma “simples sofisticação”, pois necessita aplicar recursos e construções com “elegância e criatividade”, conservando a simplicidade para manter o interesse do leitor até o fim. (VILAS BOAS, *Ibid*, p.47)

### **2.1.3 A pauta**

Essa ferramenta do trabalho jornalístico surge com o objetivo de planejar os conteúdos e definir para qual editoria as matérias serão encaminhadas, sejam elas para qual meio de comunicação for. Ao abordar a respeito da consolidação desse processo de produção jornalística, Lage indica que

A pauta institucionalizou-se, a princípio, nos magazines: a razão é que revistas, ao contrário dos jornais, não têm o compromisso de cobrir todos os assuntos de sua área de abrangência: devem selecioná-los, sob pena de ter fantástico excesso de produção - e perda de investimento. A obrigação de selecionar ressalta a importância do planejamento da edição. Além disso, matérias de revista são feitas a partir de enfoques editoriais específicos, que precisam ser consideradas previamente. (LAGE, 2001, p. 29)

Ainda segundo Lage, a aplicação da pauta se dá em duas direções. Uma delas é o “planejamento de uma edição ou parte de uma edição, com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados na reportagem, além de eventuais indicações logísticas e técnicas”. E mais: a pauta também pode ser entendida como “cada um dos itens desse

planejamento, quando atribuído a um repórter”. (LAGE, 2001, p.34)

#### **2.1.4 As fontes**

É um elemento importante no contexto da prática jornalística, pois tem a finalidade de dar veracidade, ilustrar um fato ou mesmo obter informações. Quanto a ela, Lage define:

Poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente de observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público. São o que se chama de fontes. É tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas. (LAGE, 2001, p. 49)

Ainda de acordo com Lage (*Ibid*, p.62), existe uma natureza das fontes, que podem ser dividida em oficiais, oficiosas e independentes; primárias e secundárias; testemunhas e experts.

As fontes oficiais são aquelas “mantidas pelo Estado, por instituições que preservam algum poder do Estado, e por empresas e organizações” e, de modo geral, “os dados que propõem são tomados como verdadeiros”. Ainda sim, o autor afirma que “fontes oficiais falseiam a realidade” pelo fato de existir interesses por detrás da divulgação de determinadas informações. Diante disso, é o jornalista quem deve procurar descobrir, por meio das perguntas apropriadas e da pesquisa cuidadosa, o que as fontes podem estar escondendo. Já as fontes oficiosas “são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele”, podendo ser desmentidas; e as independentes “são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso”. (LAGE, *Ibid*, p. 63)

Já as “fontes primárias são aquelas que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números”. É por meio delas que o jornalista poderá obter informações em primeira mão, além de servirem para ilustrar a matéria. Já as denominadas fontes secundárias são

aquelas “consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção de premissas genéricas ou contextos ambientais”, sendo procuradas quando o jornalista precisa, antes de tudo, compreender as circunstâncias que envolvem determinado cenário ou ainda, após contatar as fontes primárias, seja preciso uma análise mais aprofundada. (LAGE, 2001, p. 65)

Como último item na divisão de Lage, estão as testemunhas, que como o próprio nome indica, desempenham o papel de dar um depoimento acerca de um fato que presenciaram ou protagonizaram, sendo “coloridos pela emotividade e motivados pela perspectiva”, tanto que é recomendável ao jornalista escutar mais de uma testemunha, de modo a ampliar o relato acerca do acontecimento. Já os experts são fontes “procuradas em busca de versões ou interpretações de eventos”, sendo assim consideradas fontes secundárias. (LAGE, *Ibid*, p. 66)

### **2.1.5 A entrevista**

Um dos instrumentos muito utilizados na produção de nossa grande reportagem foi a entrevista. Por meio dela, pudemos obter informações, relatos, depoimentos. Em resumo, foi um dos principais meios para a obtenção dos conteúdos necessários.

Um dos livros referenciais sobre o assunto é *Entrevista: o diálogo possível*, de Cremilda Medina. Para ela, a entrevista é mais que uma forma de obtenção de respostas com a finalidade de executar uma pauta, podendo também ser técnica aplicada em outras áreas além do jornalismo.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. (MEDINA, 1986, p. 8)

Ao entrar na grande área da comunicação, surgem outras definições mais específicas acerca do instrumento. De acordo com Lage (*Ibid*, p. 73), “a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a

coleta de interpretações e a reconstituição de fatos”.

Dentre os diferentes tipos de entrevista, um estilo bastante utilizado no jornalismo impresso é o chamado pingue-pongue, o qual se constitui em perguntas e respostas em sequência. Segundo Marques (2003, p. 66), este estilo “é a fórmula que garante maior fidelidade ao pensamento do entrevistado e maior facilidade de leitura”.

Medina detalha o processo de identificação, partindo da fonte de informação, passando pelo entrevistador e chegando a cada pessoa que forma o “público”, com a possibilidade de diferentes perspectivas.

Um leitor, ouvinte ou espectador sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. Ocorre, com limpidez, o fenômeno da identificação, ou seja, os três envolvidos (fonte de informação-repórter-receptor) se interligam em uma única vivência. A experiência de vida, o conceito, a dúvida ou o juízo de valor do entrevistado transformam-se numa pequena ou grande história que decola do indivíduo que a narra para se consubstanciar em muitas interpretações. (MEDINA, 1986, p.5)

### 2.1.6 A grande reportagem

Com o esvaziamento do fenômeno do *New Journalism*<sup>6</sup> no final da década de 1970, restaram alguns fundamentos que serviram para a “reelaboração do chamado “jornalismo literário””, ou seja, a grande reportagem, que “combina a fidelidade ao mundo real e a melhor técnica literária”. (VILAS BOAS, 1996, p. 92)

Tendo em vista que a grande reportagem é originária da reportagem em si, cabe ressaltar novamente que, em sua conceituação, a reportagem é “uma ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual”. Esse nível pode ser alcançado por intermédio da grande reportagem, cuja prática propicia “um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo a seu autor

---

<sup>6</sup> Em resumo, *New journalism* é explicado por Lima (2009, p. 191) como uma corrente de características específicas que aproxima o jornalismo na literatura. Para Vilas Boas (*Ibid*, p. 105), o que ficou conhecido como *New Journalism* é “um jornalismo ampliado (no conteúdo) e literário (na forma), cuja prática - a princípio no jornalismo cotidiano - teve início nos Estados Unidos”.

ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia” (LIMA, 2009, p.18).

O adjetivo „grande” é usado antes da palavra reportagem quando há um aprofundamento tanto no sentido de extensão quanto de intensidade, segundo Lima (2009, p.24), de modo a obter “o entendimento mais amplo possível da questão em exame”. De acordo com o autor, “o aprofundamento é extensivo quando o leitor é brindado com dados, números, informações, detalhes”, com a intenção de aumentar de forma quantitativa o seu conhecimento. Já “o aprofundamento é intensivo quando o leitor é alimentado com informações que lhe possibilitam aumentar qualitativamente o seu conhecimento”. Este último se dá por meio das “causas e conseqüências, de efeitos e desdobramentos, de repercussões e implicações”. (LIMA, *Ibid*, p. 40)

Ainda que a grande reportagem seja um dos meios para se concretizar o livro-reportagem, não se exclui sua aplicabilidade dentro do campo das revistas, já que, segundo Vilas Boas (1996, p.103), em “uma revista semanal de informações, é perfeitamente possível o jornalista ser literário”. Ele complementa: “Não como um fim em si, mas como forma de ser jornalisticamente mais expressivo, de ponto de vista da beleza e da criatividade”. Para tanto, o profissional deve utilizar o que o autor chama de gênero “narrativo”, tratando-se de “um texto informativo e, ao mesmo tempo, recheado de “figuras”. São palavras, frases, passagens que às vezes extrapolam o sentido literal atribuído pelos dicionários.

Relacionando os conceitos de Vilas Boas (*Ibid*, p. 78-79) e Beltrão (1976), pode-se dizer que a grande reportagem tem a função de preencher os “vazios informativos”<sup>7</sup>, ou seja, empregar o jornalismo interpretativo com o propósito de aprofundar a realidade após uma escolha do assunto da reportagem baseada em uma escala de valores de interesse do público. Essa escala se daria por fatores como a “proximidade do tempo” (quando se trata de fatos recentes que atingem a vida de muitas pessoas) e “proximidade espacial”

---

<sup>7</sup> A terminologia “vazios informativos” foi conceituada por Luiz Beltrão e é exposta em sua obra *Jornalismo Interpretativo* (1976).

(as diferentes repercussões que são provocadas dependendo do lugar onde algo acontece). Nesses casos, “o número e qualidade das pessoas envolvidas são termômetros para a ação interpretativa”, ou seja, são determinantes na decisão de produção de uma grande reportagem.

### 2.1.7 Jornalismo de revista

Partindo da ideia de que cada meio de comunicação tem seu estilo e características próprias, embora sejam embasados nas regras básicas da prática jornalística, Vilas Boas destaca a variedade de estilos que compõe a prática diferenciada das revistas. Além de reunir fotografia, design e texto, parece fato que a durabilidade das revistas é maior em relação aos jornais. Isto se dá tanto pelo material de que é feito quanto devido ao tratamento dado aos assuntos abordados, uma vez que estes não se detêm apenas ao presente como também buscam fazer relações a partir deste. (VILAS BOAS, 1996, p. 71)

Marques (2003) compara revista e jornal em alguns aspectos:

Enquanto que para os jornais diários o que importa é o factual, as revistas são determinadas pelo estilo de texto e pela exigência de maior “interpretação” dos fatos (seleção crítica de dados e sua transformação em matéria). Nesse caso, há um claro desdobramento das notícias em reportagens (que são a alma da revista). (MARQUES, 2003, p. 75)

Marques (2003) e Vilas Boas (1996) destacam que a especificidade que o texto jornalístico adquire nas revistas permite que o associemos à literatura até mesmo pela possibilidade do uso estético da palavra aliado aos recursos gráficos utilizados de maneira dinâmica e evidente.

O estilo gráfico e a linguagem tendem para uma *gramática própria* do gênero revista. Na escolha dos significados, além do habitual estilo formal-coloquial do jornalismo, a revista toma expressões da literatura e as transpõe para o uso corrente. Da mesma forma o faz com expressões populares (jargões, neologismos, coloquialismos etc). Daí pode-se obter uma outra forma de expressão, ao mesmo tempo criativa e erudita. (VILAS

BOAS, 1996 *apud* MARQUES, 2003, p. 77)

Então, a partir da associação entre o texto em revista e a literatura, torna-se possível compreender porque a reportagem é um formato recorrente no nas revistas e o destaque que se dá ao uso da narrativa em sua linguagem.

As revistas também podem ser classificadas por suas regularidades de estilo. Lage (1979) explica que “costuma-se classificar as revistas-magazines em três grupos: ilustradas, de informação geral e especializada” e também ressalta que “não devemos esperar que as revistas tenham fórmulas de redação tão rigidamente estabelecidas quanto as notícias de jornal” (*apud* MARQUES, 2003, p. 78).

Explicando as divisões feitas por Lage, Marques (*Ibid*, p. 78-79) escreve que “nas revistas ilustradas, a palavra escrita é com frequência mera acompanhante, necessária, porém discreta, da exposição fotográfica. Quem realmente produz a matéria é quem seleciona as fotos”. Sobre a revista especializada, o autor diz que “a categorização do público e do assunto preside a organização estilística”. E, por fim, quanto às revistas de informação geral, que são as mais relevantes para esta pesquisa, Marques explica que

a estrutura do texto recupera a organização do discurso em tópicos frasais e documentações. Como ocorre indiscriminadamente com as revistas, trata-se de abordar o assunto e não o fato; este fica por conta dos jornais e, hoje, do rádio e da televisão, quando o controle social o permite. (MARQUES, *Ibid*, p. 79)

Além dessas possibilidades de categorização, o jornalista Alexandre Goulart resume quais as principais características da revista:

A variedade – muitos assuntos para fisgar o leitor e passar a sensação de janela do mundo; a especialização – centrada num determinado universo de expectativas, visto que conhece seu leitor; visão de mercado – por conhecer seu público, apresenta um produto de olho nos nichos de mercado; texto – o público é curioso, escolhe a revista, logo, se importa com o texto; imagem – o leitor é seduzido com apelo visual, com o bom fotojornalismo. Texto e imagem, traduzidos em matéria bem escrita e apresentação visual eficiente são as bases da revista.

(GOULART, 2006)

Após elucidar algumas características da revista em si, é interessante observar que o jornalismo nesse meio de comunicação também toma formas específicas. Vilas Boas (1996, p. 77) ressalta que a interpretação é uma característica básica do texto jornalístico de revista, pois se trata do processo em que o jornalista recolhe dados e os transforma em matéria. Para o autor, “o jornalismo interpretativo é o esforço de determinar o sentido de um fato, por meio da rede de forças que atuam nele”. E alerta: “o texto interpretativo não pode ser obtido pela digestão de seu conteúdo. É preciso permitir que o leitor o interprete”.

Ainda para Vilas Boas, a reportagem que provém do jornalismo em revista é eficiente se apresentar o fato em profundidade, com objetividade e padrão ético.

Em revista informativa-geral, o importante é puxar o cordão dos fatos, desamarrar o fio dos eventos, oferecer diferentes ângulos de visão da situação, complementando com históricos, depoimentos, dados estatísticos, documentário fotográfico, enquadramentos ideológicos e prognósticos. (VILAS BOAS, *Ibid*, p. 78)

No entanto, o autor reconhece que, para esse tipo de produção jornalística ser desenvolvido, é necessário “que um comando editorial identifique o objeto de maior importância e interesse para seu público”.

## **2.2 Ecumenismo**

### **2.2.1 Um contexto religioso**

Por que é pertinente falar ou pensar sobre religião hoje? Essa é uma das perguntas que inspiram esta pesquisa. Observamos que, em diversas situações do cotidiano das pessoas em geral, a religião está presente, seja como fator que influencia o ser humano em sua individualidade ou como uma força que age sobre a sociedade.

Fala-se no hoje, porque este é o momento em que nos encontramos na História. Sim, é preciso dar a devida importância ao que ocorreu no passado, pois isso reflete na atualidade. Por exemplo: fala-se muito sobre a queda da religiosidade, a tendência ao fanatismo religioso e os conflitos gerados por um “excesso de religião”. Por mais que essas situações existam e sejam reflexos históricos, faz-se necessário também conhecer e analisar mais a fundo outras perspectivas presentes nos dias de hoje, antes de presumir que o futuro da religião está irremediavelmente fadado ao conflito (inclusive violento) ou o ateísmo.

Dentro dos vários âmbitos da vida social, a religião ganha evidente interesse da população, pois orienta a postura do ser humano e exerce certa influência sobre ações políticas, econômicas, sociais e culturais. A mudança do papa, a realização da Jornada Mundial da Juventude, as manifestações organizadas pelos protestantes como a Marcha para Jesus e a Marcha pela Família são exemplos de acontecimentos recentes do universo religioso que causaram grande repercussão e comprovam que a religião “nunca sai de moda”.

Grande parte dos fatos religiosos chega ao nosso conhecimento pelos meios de comunicação. Normalmente, as abordagens da imprensa sobre fatos e assuntos religiosos apresentadas destacam os conflitos, a violência, a intolerância, o exótico, entre outros aspectos. Sendo assim, pode-se dizer que a principal carência é de novos enfoques, cujos propósitos sejam tratar assuntos do universo religioso de maneira que apontem para diferentes perspectivas, porém evitando a superficialidade e os preconceitos.

O diálogo entre as igrejas cristãs, denominado ecumenismo, normalmente é abordado de maneira superficial pelos grandes veículos de imprensa; isto quando entra em pauta. Seu tratamento geralmente é reduzido às declarações de teólogos e representantes das igrejas ou limitada às mídias especializadas.

Diante dessas realidades, cabe ao jornalista observar as limitações presentes e buscar uma nova forma de abordagem. É nessa intenção que nosso trabalho procura viabilizar uma produção jornalística sob o ponto de vista

de um elemento do contexto religioso pouco explorado pela mídia, mas de relevância não só religiosa, como social: o ecumenismo.

### **2.2.2 O cristianismo e as denominações**

Segundo pesquisa divulgada em 2012<sup>8</sup>, as maiores religiões do mundo e o número aproximado de adeptos são: cristianismo (2.2 bilhões), islamismo (1.6 bilhões), hinduísmo (1 bilhão), budismo (500 milhões), judaísmo (14 milhões). Cerca de 58 milhões de pessoas pertencem a outras religiões como sikhismo, xintoísmo, taoísmo, tenrikyo, wicca e outras. E ainda 1.1 bilhão de pessoas dizem não aderir a nenhuma religião.

É dentro do cristianismo, religião que ainda possui o maior número de adeptos no mundo, que se desenvolve o fenômeno destacado nessa pesquisa, o ecumenismo. História, divisão e reencontro são palavras-chave que resumem os principais fatores que permitem compreender como esse conceito surge e vem se desenvolvendo na religião cristã.

É válido ressaltar que o cristianismo enraizou-se na História. Nessa perspectiva, Carter Lindberg (2008) escreve que

a identidade cristã é claramente afirmada nos textos históricos dos credos cristãos que confessam a fé na pessoa histórica de Jesus, que nasceu, sofreu e morreu. Os cristãos dão uma virada única nessa história ao confessarem que esse Jesus histórico é o mesmo Cristo histórico que ressuscitou dos mortos e que voltará para finalizar a História. (LINDBERG, 2008, p. 16)

O autor fala sobre uma identidade para explicar que essa religião possui um fundamento histórico, não apenas filosófico ou ético. (LINDBERG, *Ibid*, p.17)

Ao longo dos séculos e por razões distintas, ocorreram divisões dentro do cristianismo. Cambón (1994, p. 39) explica que “não foram raros os casos em que, depois de um Concílio, alguns cristãos se separaram por não aceitarem suas definições e decisões”. Para citar um exemplo, a primeira

---

<sup>8</sup> Fonte: Pesquisa *The Global Religious Landscape* disponível em *The Pew Forum on Religion em Public Life* <<http://www.pewforum.org/global-religious-landscape-exec.aspx>>. Acesso em 11 set. 2013.

divisão se deu no século V, durante o terceiro Concílio Ecumênico ocorrido em Éfeso (ano de 431). Dessa dissidência, nasceu a Igreja Síria Oriental, chamada também de Nestoriana ou Caldéia. E, no decorrer desse século, as divisões deram origem às outras antigas Igrejas Orientais.

A próxima divisão que marcou a história do cristianismo ficou conhecida como o Grande Cisma do Oriente. Para explicá-la, Cambón utiliza o texto escrito por Traian Valdman, pároco e docente de teologia ortodoxa extraído da revista *Credere oggi*, n. 23, p. 14-17.

No século XI, por motivos culturais, históricos, políticos e, especialmente, por motivos de caráter teológico - entre os quais os mais importantes são a introdução do “*Filioque*”<sup>9</sup> no Credo (por parte da Igreja ocidental) e a pretensão de um primado universal do bispo de Roma - a Igreja dividiu-se em duas, seguindo a fronteira linguística e política que naquela época dividia o Império Romano. Depois deste fato dramático, conhecido na história com o nome de Grande Cisma de 1054, a Igreja ocidental romana ficou com o nome de “Católica” e a oriental bizantina [de Bizâncio = Constantinopla, atual Istambul], com o nome de “Ortodoxa”. (VALDMAN *apud* CAMBÓN, 1994, p. 41)

Após quase cinco séculos, Martinho Lutero demarcaria outro rompimento na trajetória cristã. Embora o ano de 1517 seja a data mais lembrada, Lindberg ressalta que a Reforma Protestante foi um período que durou até 1555, com a Paz religiosa da Augsburgo<sup>10</sup>. Além da importância que tiveram as 95 teses, o autor reflete que

nesse breve período, a hegemonia romana papal sobre o cristianismo ocidental foi encoberta, e o catolicismo tornou-se conhecido como catolicismo romano, uma denominação do cristianismo entre outras. (LINDBERG, 2008, p. 141)

Ainda no século XVI, após a Reforma Protestante, surgiram as Igrejas

<sup>9</sup> No glossário presente na obra de Cambón (1994, p. 203-204), o autor resume que Filioque é um termo latino que significa “e do Filho” e constitui motivo de contra-posição entre as Igrejas Católica e Ortodoxa em relação à procedência do Espírito Santo.

<sup>10</sup> Tratado assinado entre Carlos V, imperador do Sacro Império Romano -Germânico, e as forças da Liga de Esmalcalda para possibilitar aos líderes de cada estado alemão de escolherem sua própria religião, ficando seus súditos obrigados a se submeter à escolha do seu príncipe. Assim ficava consagrado o estatuto legal do protestantismo na Alemanha.

Luterana, Calvinista, Anglicana e Anabatista. Nos séculos seguintes, constituíram-se novas denominações como os Batistas, Presbiterianos, Quakers, Congregacionalistas (Século XVII); Metodistas, Irmãos Livres, Exército da Salvação (Século VIII); Igreja de Cristo, Velhos-Católicos, Aliança Cristã e Missionária, Discípulos de Cristo, Igreja Nova Apostólica, Adventistas do Sétimo Dia (Século XIX). No século XX, surgiram as Comunidades de cunho pentecostal: Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, o Brasil para Cristo, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Deus é Amor, Igreja da Nova Vida, Igreja Universal do Reino de Deus etc. (CAMBÓN, 1994, p. 31). Até hoje os processos de divisão continuam gerando novas denominações.

Após os processos de divisão já apresentados, Sandra Ribeiro (2002, p. 42) aponta que no século XIX alguns cristãos optaram por caminhar em direção a um reencontro. Partindo, a princípio, dos protestantes, o ecumenismo iria se tornar uma aproximação entre as igrejas cristãs, proposta essa que será tratada no tópico seguinte.

### 2.2.3 Ecumenismo

Hoje, constata-se a existência de vários grupos no mundo todo interligados pela convicção resumida na passagem bíblica “Pai, que todos sejam um, assim como eu e Tu somos um” (João 17, 21). A partir desse pedido de Jesus, desponta um esforço para que a unidade entre as igrejas cristãs se torne uma realidade.

São diversas as definições do conceito de ecumenismo. Juan Bosch Navarro (1995, p. 10) afirma que “*Oikoumene*, de onde procede diretamente *ecumenismo*, será, por conseguinte, o mundo habitado em que coexistem diferentes povos, com diversidade de línguas e culturas”.

Já para a teóloga Sandra Ferreira Ribeiro (*Ibid*, p. 7 - 8), há um significado mais restrito e técnico para ecumenismo: “os esforços e iniciativas que caracterizam um certo movimento de todas as Igrejas cristãs em busca de uma reconciliação entre si, a fim de professarem, celebrarem e testemunharem juntas a mesma fé em Jesus Cristo”.

Outra definição provém do decreto *Unitatis Redintegratio* (UR),

(publicado pela Igreja Católica após o Concílio Vaticano II), a qual também é defendida pelo autor Enrique Cambón (1994, p. 17): são todas as “atividades e iniciativas ordenadas a promover a unidade dos cristãos”. (UR, 4)

“Através de que caminho cresce a unidade entre os cristãos?” Esse é o questionamento que Cambón apresenta, já apontando como uma resposta as diferentes dimensões fundamentais do ecumenismo também com base no documento *Unitatis Redintegratio*, sendo elas: espiritual, doutrinal e de serviço.

O ecumenismo espiritual desenvolve a proposta da oração em comum: “Tais preces em comum são certamente um meio muito eficaz para impetrar a graça da unidade”. Para completar essa dimensão, é necessária também a vivência da Palavra: “Lembrem-se todos os fiéis de Cristo que tanto melhor promovem e até exercem a união dos cristãos quanto mais se esforçam por levar uma vida mais pura conforme o Evangelho”. (UR,8 *apud* CAMBÓN, 1994, p. 72)

O ecumenismo doutrinal tem o enfoque no diálogo teológico, que, segundo Cambón (1994, p.73), “trata-se, naturalmente, de uma tarefa que podem desenvolver, sobretudo especialistas neste campo”. O autor diz ainda que, no ecumenismo doutrinal, “um dos maiores serviços que se pode prestar ao povo cristão e ao futuro do ecumenismo é ajudar na “recepção”, no conhecimento dos passos dados, nos diálogos teológicos entre as Igrejas e Comunidades Eclesiais”.

Já o de serviço destaca a importância das ações práticas em favor do bem comum:

Essa cooperação (...) contribuirá para avaliar devidamente a dignidade da pessoa humana, promover o bem da paz, prosseguir na aplicação social do Evangelho, incentivar o espírito cristão nas ciências e nas artes e aplicar todo gênero de remédios aos males da nossa época, tais como: a fome e as calamidades, o analfabetismo e a pobreza, a falta de habitação e a distribuição não justa dos bens. (UR,12 *apud* Cambón, 1994, p. 74)

Cambón acrescenta que existe um ecumenismo “institucional”, que

englobaria as relações e visitas recíprocas entre líderes de diversas Igrejas, em nível oficial.

Outro aspecto a se destacar no contexto ecumênico são organismos que, de maneira geral, realizam atividades para promover a integração entre as Igrejas cristãs e estimular a discussão e ação acerca das realidades que perpassam a vida humana. O Conselho Mundial de Igrejas (CMI), o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC) e a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) são exemplos de organizações que compõem uma estrutura com a finalidade de dar suporte (de incentivo e material) capaz de viabilizar a difusão e prática do ecumenismo.

Ao se tratar de ecumenismo, é quase lógico que se questione sobre as relações também entre o cristianismo e as religiões não cristãs (islamismo, judaísmo, budismo, xintoísmo e assim por diante). Irivaldo Joaquim de Souza (2001, p.181) explica que o diálogo inter-religioso é também conhecido como macroecumenismo o qual pode ser conceituado “como aproximação, contato, conversação, solidariedade e trabalho conjunto visando à paz e ao bem comum entre cristãos e membros das outras religiões”.

Compreendendo que o diálogo inter-religioso é um avanço tanto quanto o ecumenismo, vê-se na afirmação de Hans Kung a grande urgência que a humanidade tem desses ideais:

Por causa da paz, este mundo pós-moderno necessita mais do que nunca de um entendimento religioso global, sem o que um entendimento político em último caso não será possível. A palavra de ordem do momento é a seguinte: começar hoje e já com o entendimento religioso global! Deve-se fomentar energicamente o entendimento inter-religioso em nível local, regional, nacional e internacional! (KUNG, 1993, p. 181 apud SOUZA, 2001, p. 181)

### 3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

#### 3.1 A revista *Época*

Criada pela Editora Globo em 1998, *Época* foi inspirada na revista alemã *Focus*. Atualmente, é a 2ª revista semanal de maior circulação no Brasil, estando apenas atrás da revista *Veja*, pertencente à editora Abril, segundo dados da Associação Nacional de Editores de Revista<sup>11</sup>.

Em outubro de 2011, a revista reformulou seu projeto gráfico-editorial com a proposta de dar ênfase à análise e opinião e à matérias mais aprofundadas. Adotando uma nova divisão de conteúdo, criou as editorias Opinião, Tempo, Ideias, Vida e Mente Aberta, além das colunas fixas.

De acordo com o mídia kit *Época* 2013 (2013), documento disponível pelo site da Editora Globo, as novas editorias possuem as seguintes características:

- **Opinião:** a visão da revista, artigos de especialistas renomados e a voz do leitor;
- **Tempo:** Para saber primeiro (furos, hard news, reportagens especiais);
- **Ideias:** Para entender melhor (análises, ensaios, conhecimento);
- **Vida:** Para inspirar-se (serviço, interesse pessoal, histórias humanas);
- **Mente Aberta:** Cultura e entretenimento.

Em matéria do site Meio e Mensagem<sup>12</sup>, o diretor de redação da *Época*, Hélio Gurovitz, explica o que significou a reformulação editorial para o veículo

A reformulação vem inaugurar um novo tipo de semanal no Brasil. Criamos uma categoria própria. Vamos abrir mão de tudo aquilo que sites e jornais podem fazer com mais competência. Isso não quer dizer que abriremos mão da notícia. Vamos continuar, mas com matérias de fôlego, perfis, análises mais densas e opinião, com um espaço reservado de maneira mais clara.

---

<sup>11</sup> Disponível em: < <http://aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/>.> Acesso em 7 out. 2013.

<sup>12</sup> Disponível em:

<<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2011/09/30/Epoca-reformula-projeto-grafico-e-editorial.html>>. Acesso em 7 out.2013.

Segundo dados de 2013, a revista *Época* possui tiragem de 389.506 exemplares e, em projeção, chega a atingir quase quatro milhões de leitores<sup>13</sup>. Em relação ao público leitor, 68% pertencem às classes AB e 28% à classe C, sendo que, em termos de gênero, dividem-se igualmente, 50% homens e 50% mulheres. A divisão etária já é diversificada, porém, pode-se dizer que a maior parte dos leitores possui entre 25 e 44 anos e acima de 55 anos de idade.

Atualmente, o título *Época* já pode ser lido nas novas plataformas tecnológicas, especialmente em dispositivos móveis (tablets e celulares), uma vez que possuem aplicativos que adequam o conteúdo. Contudo, a revista impressa continua existindo e sustenta um forte vínculo com as produções digitais, dado que várias matérias da versão impressa são reproduzidas nas outras plataformas.

### **3.2 A grande reportagem impressa “Construindo Pontes”**

O produto desenvolvido é uma grande reportagem impressa temática sobre ecumenismo. Com o total de 32 páginas, tem como objetivo explicar o que é o ecumenismo ao público geral, uma vez que o assunto é abordado com mais frequência e profundidade apenas pela mídia especializada em religião.

Para compor o tema em diferentes aspectos, escolhemos fontes aptas a contribuir com análises sobre o tema (historiadores e sociólogos), especialistas da religião (teólogos e sociólogos da religião), fontes oficiais que pertencem às principais organizações promotoras do ecumenismo, além de pessoas que ilustram a vivência ecumênica (personagens).

Conforme estabelece o padrão da revista, a editoria Tempo possui o slogan “Para saber primeiro”, pois apresenta reportagens de gancho factual além de ser o espaço reservado para as grandes reportagens, as quais o veículo discrimina como “reportagens especiais”. Nesse caso, nossa escolha pela editoria Tempo priorizou o critério do formato jornalístico (reportagem

---

<sup>13</sup> Informações contidas no mídia kit *Época* 2013 (2013): Fonte: Ipsos - Estudos Marplan/EGM - Jan a Dez/12 - 13 mercados (Filtro: Ambos os sexos, 10/+anos) Projeção Brasil calculada pela Editora Globo com base nos estudos Marplan 12 Mercados e IVC (Jan a Dez/12).

especial). No entanto, ao longo da reportagem, buscamos apresentar o máximo possível de fatos recentes que demonstrem a relevância do tema tratado.

As revistas, de maneira geral, apresentam uma linha editorial com posicionamento bem definido. Em relação à revista *Época*, de acordo com as edições das quais dispusemos (*ver seleção das edições para análise na página 42*), tivemos dificuldade em estabelecer qual seria o direcionamento “oficial” do veículo em produções de temas religiosos.

Diante de um cenário no qual grande parte das produções tende a mostrar os conflitos, optamos por expor que o ecumenismo é algo positivo para a sociedade. Mesmo assim, para evidenciar a diversidade de argumentos, também demos espaço a uma opinião contrária ao tema.

Observando 4 edições da revista, identificamos que as reportagens especiais são compostas por textos com diferentes quantidade de páginas, infográficos, box, fotos e entrevistas no modelo pingue-pongue.

A partir dessas informações, estruturamos a reportagem utilizando quatro enfoques: (1) uma contextualização a partir de uma abordagem histórica, (2) uma apresentação e explicação das estruturas que dão sustentação ao ideal ecumênico, (3) mostrar histórias de personagens que vivenciam o ecumenismo em seu cotidiano, e (4) entrevista com uma especialista no tema.

A primeira matéria, chamada “Caminho para o diálogo”, foi feita com o objetivo de definir o que é ecumenismo e contextualizá-lo. Para isso, mencionamos a recorrência do assunto religião na atualidade e uma retrospectiva histórica do movimento ecumênico, permeadas pelas análises dos especialistas até a abordagem dos reflexos do ecumenismo para a sociedade.

Nessa parte da reportagem, inserimos um infográfico no modelo de linha do tempo para ilustrar algumas das principais datas que consideramos marcantes para o ecumenismo no Brasil e no mundo.

O box foi outro elemento empregado para explicitar a diferença entre o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, ilustrado com a experiência pessoal de uma jovem de Jerusalém que vivencia essa realidade.

O segundo enfoque intitulada “Estruturas que sustentam um ideal” pretende evidenciar que, enquanto o ecumenismo parece ser algo abstrato, existem organizações que oficializam seu desenvolvimento por meio de ações concretas e inter-relacionadas, desde o âmbito mundial até as realidades de cada país. Nesse ponto, recorreremos a fatos recentes para expor o que são e quais as atividades das organizações ecumênicas, mostrando também que a prática do ecumenismo engloba a sociedade em geral, não somente o contexto religioso.

Na terceira matéria, com o título “Histórias do ecumenismo real”, tivemos a intenção de mostrar que o ecumenismo pode ser vivido no dia a dia, não sendo somente algo para ser discutido por teólogos. Marido e mulher de igrejas diferentes; representantes religiosos que se unem em pescaria; um estudante alemão que cultiva amizades ecumênicas e canta em um coral com membros de várias denominações; foram os exemplos encontrados para levar a realidade da aproximação eclesial ao alcance de quem queira experimentá-la.

Como é característico da revista, apresentamos uma entrevista no modelo pingue-pongue com uma teóloga especialista em ecumenismo para ampliar a visão do leitor acerca do tema.

O processo de finalização consistiu na elaboração da capa e da ilustração de abertura da grande reportagem. Todavia, a ideia das imagens a serem utilizadas para representar o tema (ecumenismo) já estava pré-definida desde o início do projeto. Outra intenção era relacionar a capa com a ilustração de abertura da reportagem, com o objetivo de provocar uma percepção de complementaridade.

A proposta inicial era representar o ecumenismo, algo abstrato, por meio de uma ponte, a qual pode ser considerada uma analogia eficaz para este conceito, pois constitui uma forma de ligação entre as Igrejas cristãs.

Na capa, as pedras amontoadas simbolizam um fragmento de algo em construção e são colocadas dessa forma para que o leitor associe ao título “Construindo Pontes”. Por outro lado, optamos por não utilizar uma ponte inacabada para evitar a redundância entre imagem e palavra.

A ilustração de abertura é desenvolvida pela articulação de dois

elementos: a ponte completa, que concretiza a palavra “caminho”; e o peixe, um dos principais símbolos do cristianismo que se forma na imagem a partir de um dos arcos da ponte e sua sombra refletida na água. O acabamento se deu pela aplicação da cor sépia para conferir um caráter de antiguidade à imagem e demonstrar que o ecumenismo é fruto de uma trajetória histórica.

### **3.3 Seleção de edições utilizadas como referência**

Durante o processo de produção da grande reportagem não foi possível o contato direto com o veículo, de modo que não pudemos ter conhecimento acerca de regras oficiais de estruturação de cada formato jornalístico utilizado pela revista.

Partimos, então, da ideia de que o produto seria uma grande reportagem com um tema relacionado à religião. Sendo assim, para conseguir observar as características da revista, encontramos 17 edições no período de dezembro de 2011 a julho de 2013, sendo que não conseguimos todas as revistas desse período.

Dentre as edições encontradas, verificamos em quais aparecia o tema religião e quais eram seus formatos. Percebemos que havia 4 reportagens especiais, 2 delas com o tema religião e 2 não. Utilizamos essas 4 como referência para observar características gráficas e textuais.

Como auxílio para a produção textual, adequamos um “manual” de estilo e padronização da escrita na Revista Época, que poderá ser encontrado na página 70 do apêndice.

É importante ressaltar que o objetivo não era uma análise comparativa aprofundada (conteúdo, estilo e posicionamento editorial).

Nº da edição	Data da edição	Tema Religioso	Formato jornalístico	Localização na revista	Editoria	Título	Autor	Nº de páginas	Infográfico/quantidade
709	10/dez/11	Sim	Reportagem	Capa	Ideias	Os megatemplos que renovam a fé	Humberto Maia Junior	8	2
720	05/mar/12	Sim	"Matéria"	Interna	Ideias	Em louvor à descrença	Nathalia Ziemkiewicz	2	1
729	07/mar/12	Não	Reportagem	Capa	Ideias	TED	Marcelo Moura	8	1
732	28/mar/12	Sim	Reportagem	Interna	Ideias	Cristofobia	Ayaan Hirsi Ali (pesquisadora)	6	1
738	09/jul/12	Não	<b>Rep. Especial</b>	Capa	Tempo	O universo, Deus e você	Peter Moon e Alexandre Mansur	24	4
744	20/ago/12	Não	Reportagem	Capa	Vida	Como montar seu prato	Natalia Spinacé / Margarida Telles	10	2
746	03/set/12	Sim	Rep. Fotográfica	Interna	Tempo	Uma viagem ao Antigo Testamento	S. Salgado/Amazonas Imagens	6	0
749	24/set/12	Não	Reportagem	Capa	Vida	Como fazer amigos de verdade em tempos de facebook	Marcela Buscato / Luiza Karam / Isabella Ayub	8	2
753	22/out/12	Não	Reportagem	Capa	Vida	Ter filhos traz mesmo felicidade?	Nathalia Ziemkiewicz e Flavia Yuri	8	1
762	24/dez/12	Sim	Reportagem	Capa	Ideias	Jesus, um mistério que vai além da história	Marcelo M. Cavallari	12	0
769	18/fev/13	Sim	<b>Rep. Especial</b>	Capa	Tempo	Um papa brasileiro?	Juliano Machado com Rodrigo Turrer e Felipe Mauro	17	7
773	18/mar/13	Sim	Edição Especial	Capa	Tempo	O Papa Francisco	Várias matérias – vários autores	52	0
776	08/abr/13	Sim	Matéria	Interna	Tempo	A força de 12 milhões de fiéis	Vinicius Gorczeski	2	0
785	10/jun/13	Sim	Reportagem	Capa	Vida	Fé contra a depressão	Marcela Buscato / Thais Lazzeri	9	1
789	08/jul/13	Não	<b>Rep. Especial</b>	Capa	Especial*	O novo ativista digital	Várias matérias – vários autores	15	2
790	15/jul/13	Não	Reportagem	Capa	Tempo	Somos todos vigiados	Marcos Coronato e Rafael Barifouse com Marcelo Rocha	7	2
791	22/jul/13	Sim	<b>Rep. Especial</b>	Capa	Tempo	O Papa vem para a rua	Várias matérias – vários autores	21	2

\*Entre Tempo e Ideias

Elaborada por Lilian Figueiredo e Natália Zen

### 3.3.1 Características gráficas

A reportagem especial “10 lições de vida do papa” (edição nº 791 de 22 de julho de 2013) serviu como referência para a diagramação do nosso projeto. Para isso, observamos algumas características gráficas apontadas a seguir:

#### **Página:**

A revista utiliza cores específicas para a identificação de cada editoria. A editoria Tempo, a qual se encaixa nossa reportagem, é de cor vermelha. Há um ícone (em formato quadrangular) com essa cor no canto superior esquerdo das páginas pares;

O número da página se localiza no canto inferior externo. Junto a ele, estão dispostas as informações padrão: nome da revista, dia, mês escrito por extenso e ano.

Na reportagem especial, cada página possui grid de três colunas (exceto na entrevista).

#### **Texto:**

Com o auxílio do profissional responsável pela diagramação, foram identificadas as medidas empregadas para o texto:

**Coluna:** 55 mm de largura por 230 mm de comprimento

**Espaçamento entre as colunas:** 5 mm

**Margem:** superior 20 mm, inferior 17 mm, margem para fora 12 mm e margem para dentro 12 mm

**Tamanho do corpo do texto:** 10 mm

**Espaçamento entre linhas:** 10 mm

**Recuo de parágrafo:** 5 mm

**Fonte:** *Stag sans* (títulos, subtítulos, legendas) e *Minion* (texto corrido).

#### **Fotos:**

São inseridas de forma ampliada permeando as matérias e em grande maioria estourando a borda da revista.

Crédito das fotos é posicionado no rodapé da página e interno (próximo à dobra)

### **Legendas:**

São escritas dentro de caixas com fundo branco e o contornadas com uma fina linha preta; o texto possui chapéu destacado em caixa alta e negrito, além de não se usar o ponto final.

### **Entrevista**

Cada página possui grid de duas colunas e a legenda é sobreposta à foto.

### **3.4 Processo de produção**

A partir da escolha do tema ecumenismo e do formato de grande reportagem impressa para revista, decidimos conversar com uma pessoa envolvida no contexto ecumênico. A coordenadora do Grupo Ecumênico de Bauru, Elaine Martins, deu uma introdução ao assunto, explicando alguns conceitos e expondo a realidade do grupo de Bauru.

O próximo passo foi procurarmos produções jornalísticas a respeito de ecumenismo, as quais mais frequentes na mídia especializada em assuntos religiosos, especificamente no universo cristão.

A pesquisa bibliográfica, por meio dos livros citados na metodologia, foi necessária para a compreensão do assunto em seus diferentes aspectos, servindo como fonte de informações também para a produção textual da reportagem, assim como para os dados históricos e definições conceituais.

O contato com as fontes se deu por meio de entrevistas pessoalmente, através de e-mail e por Skype (software que permite comunicação pela internet com texto e voz).

Fizemos duas viagens a Botucatu, para entrevistar o casal Luis e Varnete Montanha, frei Constantino Bongo, pastor Benedito Correa e Kioshi Inoue, personagens da matéria “Histórias do Ecumenismo Real”.

Em Bauru, foi possível a entrevista na Igreja Batista do Estoril com o

pastor Gilson Souto Maior. Acompanhamos algumas reuniões do Grupo Ecumênico da cidade, além de participar da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, evento que, em âmbito local, é realizado por este grupo, no qual pudemos conhecer a realidade das atividades ecumênicas, tirar fotos e conversar com diversas pessoas a respeito de ecumenismo.

Ao enviar as perguntas por e-mail, obtivemos as respostas do historiador Agemir de Carvalho Dias, da diretora executiva da CESE Sônia Mota, da organizadora do livro da CESE Lucyvanda Moura, da socióloga Loriza Lacerda, e do jovem estudante Alexandre Quintino.

Devido a distância geográfica, fizemos uso do Skype para as seguintes entrevistas: os jovens Cornelius Kruger (Alemanha) e Liana Harami (Jerusalém), as teólogas Sandra Ribeiro (Vargem Grande Paulista-SP) e Beatriz Sarkis (Porto Alegre-RS), do historiador Luís Henrique Marques (São Paulo- SP), além da secretária geral do CONIC, Romi Bencke (Brasília).

Quanto as fotos utilizadas para ilustrar a reportagem, algumas são de nossa autoria feitas com máquina Sony 12.1 megapixels, não-profissional, configuração que, em alguns momentos, interferiu na qualidade das fotografias. Em outros casos, obtivemos as imagens por meio dos sites oficiais e redes sociais das organizações ecumênicas, sempre atribuindo o crédito a seus autores. Em fotografias disponibilizadas pela internet que não discriminavam autoria, utilizamos o crédito “reprodução”. Algumas fontes também nos forneceram fotos às quais associamos o crédito “arquivo pessoal”.

Como é recomendado em um processo de produção jornalístico, após a escolha e um primeiro contato com as fontes, elaboramos as pautas, marcamos as entrevistas, fizemos a gravação e transcrição, de modo a coletar todo o conteúdo para a posterior edição.

Com o intuito de buscar informações relevantes e as mais atuais possíveis para a reportagem, descobrimos alguns centros de pesquisa de religião, nos quais pudemos obter dados e análises, não somente para constar nas matérias, mas também para expandir nosso conhecimento acerca do tema. As matérias jornalísticas disponíveis na internet também foram de grande utilidade para o nosso trabalho, em termos de pesquisas e dados estatísticos.

Ressaltamos que tivemos a preocupação em apurar a veracidade das informações e fontes.

Embora faça parte da prática jornalística, a diagramação da reportagem foi feita pelo profissional André Marques. Porém, demos os direcionamentos apropriados e fomos conversando com ele, ao longo dos meses, a respeito dos aspectos gráficos de nosso produto.

Para a revisão dos textos, tivemos o auxílio do jornalista Luís Henrique Marques e do professor orientador desse trabalho, ambos fazendo as leituras e apontando as correções necessárias.

Durante o processo de produção, tivemos algumas dificuldades, dentre elas: encontrar produções jornalísticas sobre ecumenismo nos meios de comunicação; traduzir conceitos do universo especializado (religião) para o público geral; encontrar especialistas da área de religião e com conhecimento sobre ecumenismo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fomos movidas pela vontade de colocar em prática o que aprendemos sobre o jornalismo nesses anos de faculdade. Diante do que já havíamos experimentado nos anos de aprendizado, optamos por produzir uma grande reportagem para revista impressa. A escolha por este formato revela a nossa afeição por um jornalismo um pouco mais literário e que permite um aprofundamento na cobertura de um tema, o qual procuramos desenvolver, dentro das possibilidades, em nossa produção. O tempo que nos dedicamos nos permitiu conhecer um pouco mais as pessoas por trás das fontes e entender contextos de forma mais aprofundada.

Para nós, a fé é algo muito importante e foi também o que norteou a escolha pelo tema deste trabalho. Apesar de que o mundo pareça caminhar em direção aos conflitos, à intolerância, ao individualismo, a exposição do ecumenismo em um meio de comunicação, ainda mais, de informação geral, nos pareceu uma ótima oportunidade para levantar uma bandeira de esperança, diálogo e paz.

Partindo desse pressuposto, nos colocamos à procura de informações sobre essa temática e nos deparamos com conteúdos muito especializados. Esse foi um desafio: conciliar um tema tão singular como é o ecumenismo com a função jornalística de explicar conteúdos para um público geral.

Para tentar superar essa dificuldade, colocamos em prática uma habilidade essencial ao jornalista: adequar todo e qualquer assunto a uma linguagem possível de ser entendida, utilizando a clareza, explicando os termos e valendo-nos das histórias das pessoas para exemplificar concretamente as situações.

O contato com as fontes que conhecemos ao longo do processo foi uma grande riqueza, pois, além da contribuição dada, descobrimos pessoas muito solícitas, nos deixando com a impressão de que, entre o discurso e a prática ecumênica, existe coerência por parte de muitos que se envolvem nessa causa.

Tudo o que vivemos durante a produção da grande reportagem poderia resultar em um livro. Compartilhamos aqui algumas investidas que, ao final, foram de grande sucesso e se tornaram boas recordações nesse período final da graduação.

Três pescadores ecumênicos foram motivação suficiente para percorrermos quase 100 Km até Botucatu e mais 40 Km, ida e volta, até o rio por onde corria a amizade entre eles. Após a entrevista, quando dissemos que seria bom ter uma foto da pescaria, para nós inusitada, o pastor logo se dispôs ao passeio, com direito à botina, chapéu, vara e tudo!

Em frente ao computador, a procura intensa pelas fontes e depois a angústia na espera da resposta se tornou rotina difícil, mas instigante.

Entrevistas feitas, texto escrito, o próximo desafio foi transmitir nossas ideias sobre o conceito de ecumenismo para materializá-las em imagens para capa e abertura da grande reportagem. Após algumas tentativas por parte do diagramador, finalmente chegamos ao resultado esperado.

Após toda a aventura que foi fazer esse trabalho de conclusão de curso, podemos dizer que compreender um tema novo, o ecumenismo, e colocar em prática as técnicas jornalísticas foram as maiores contribuições desse trabalho

para nós.

“Construindo Pontes” foi o resultado de nossos esforços e a prova que precisávamos para descobrir que somos capazes de fazer um produto para o mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo interpretativo*. Porto Alegre: Sulina, 1976.

CAMBÓN, Enrique. *Fazendo Ecumenismo: Uma exigência evangélica e uma urgência histórica*. São Paulo: Cidade Nova, 1994.

ÉPOCA, Revista. *Mídia kit Época 2013*. 2013. Disponível em: <[http://epoca.globo.com/midiakit/arquivos/MidiaKit\\_Epoca\\_2013-PT.pdf](http://epoca.globo.com/midiakit/arquivos/MidiaKit_Epoca_2013-PT.pdf)>. Acesso em: 24 mai. 2013.

FERREIRA, Fábio Gonçalves. *Gêneros jornalísticos no Brasil: estado da arte*. 2012. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/viewFile/1194/1114>>. Acesso em 28 jul. 2013.

GOMES, Helena Botelho & PINHA, Nathalia Sardelli. *Adoção por casais homossexuais: as novas famílias*. 2009. 170 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo). Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo. 2009.

GOULART, Alexandre. *Uma lupa sobre o jornalismo de revista*. 2006. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma-lupa-sobre-o-jornalismo-de-revista>>. Acesso em 15 set. 2013.

MARQUES, Janine. *Os Gêneros Jornalísticos No Rádio*. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3205-1.pdf>>. Acesso em 22 out. 2014

LAGE, N. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4ªed. Barueri: Manole, 2009.

LINDBERG, Carter. *Uma breve história do cristianismo*. São Paulo: Loyola,

2008.

MARQUES, Luís Henrique. *Revista Cidade Nova e a promoção de um “ecumenismo de vida” segundo o pensamento e experiência do Movimento dos Focolares*. 2012. Disponível em:

<[www2.metodista.br/unesco/anaisdaeclesiocom/Trabalhos/11.Revista%20Cidade%20Nova%20e%20a%20promoção\\_Luís%20Marques.pdf](http://www2.metodista.br/unesco/anaisdaeclesiocom/Trabalhos/11.Revista%20Cidade%20Nova%20e%20a%20promoção_Luís%20Marques.pdf)>. Acesso em 15 jul. 2013

MARQUES, Luís Henrique. *Teoria e prática de redação para jornalismo impresso*. Bauru: Edusc, 2003.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista- o diálogo possível*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, José Marques de & ASSIS, Francisco de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: UMEESP, 2010.

NAVARRO, Juan Bosch. *Para compreender o ecumenismo*. São Paulo: Loyola, 1995.

ORLANDINI, Ricardo. *Paz de Augsburg*. Disponível em:

<[http://www.ricardoorlandini.net/hoje\\_historia/ver/4765/assinatura\\_da\\_paz\\_de\\_augsburgo](http://www.ricardoorlandini.net/hoje_historia/ver/4765/assinatura_da_paz_de_augsburgo)> Acesso em 10 dez. 2013.

RIBEIRO, Sandra Ferreira. *Ecumenismo: simples tolerância ou um estilo de vida?* Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2002. (Coleção Pensar Mundo Unido)

SOUZA, Irivaldo Joaquim de. *Introdução às principais religiões - História, ecumenismo e diálogo inter-religioso*. Maringá: Massoni, 2001.

VILAS BOAS, Sérgio. *O Estilo Magazine: o texto em revista*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1996. (Novas Buscas em Comunicação)

WOLFF, Elias. *Caminhos do ecumenismo no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2002.

VI, Papa Paulo. *Decreto Unitatis Redintegratio sobre o ecumenismo*. 1964.

Disponível em:

<[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19641121\\_unitatis-redintegratio\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html)>. Acesso em: 13 nov. 2013.

**Sites:**

*Bureau de Pesquisa e Estatística Cristã*. Disponível em:  
<<http://www.bepec.com.br/>>

*Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil*. Disponível em:  
<<http://www.conic.org.br/cms/>>

*Conselho Mundial de Igrejas*. Disponível em: <<http://www.oikoumene.org/en>>

*Coordenadoria Ecumênica de Serviço*. Disponível em:  
<<http://www.cese.org.br/site/>>

*Pew Research Religion & Public Life*. Disponível em:  
<<http://www.pewforum.org/>>

*World Cristian Database* . Disponível em  
<<http://www.worldchristiandatabase.org/>>

## APÊNDICE

### REPORTAGEM: Construindo Pontes

#### PAUTA 01

**ENTREVISTADA:** Elaine Martins, coordenadora do Grupo Ecumênico de Bauru

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Na casa da entrevistada, 18 de maio, às 14h

**DIRECIONAMENTO:** Essa entrevista trará uma sondagem sobre o que é Grupo Ecumênico de Bauru, o que é ecumenismo, quais atividades existem em torno desse tema<sup>14</sup>.

#### PERGUNTAS:

1. O que é o Grupo Ecumênico de Bauru?
2. Quem participa das atividades que o grupo realiza?
3. Entre os participantes do grupo, existe uma maioria que é membro de determinada igreja? Isso interfere?
4. Como se faz a escolha pelos lugares onde ocorrem as celebrações ecumênicas?
5. As igrejas que aderem ao ecumenismo tem alguma semelhança histórica que facilita a opção por esse ideal?
6. Como é a relação com os representantes das igrejas que não aderem ao ecumenismo?
7. Os grupos ecumênicos seguem algum tipo de regras ou estatuto para que haja uma similaridade nos trabalhos que desenvolvem em cada lugar e nos princípios que seguem?
8. Nas reuniões do grupo ecumênico vocês fazem estudos de materiais produzidos pelas diferentes igrejas?
9. O que é preciso para que o ecumenismo seja mais difundido?
10. Em um primeiro olhar, parece mais fácil reunir as Igrejas em uma ação prática. Podemos dizer que a prática é a porta de entrada para o ecumenismo?

---

<sup>14</sup> **Observação:** Além de contribuir com alguns relatos para a grande reportagem, essa entrevista foi um trabalho de pesquisa de campo realizado no início desse projeto.

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 02**

**ENTREVISTADA:** Beatriz Sarkis Simões, teóloga e membro consagrado do Movimento dos Focolares

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Por Skype, no dia 13 de agosto, às 16h

**DIRECIONAMENTO:** Por meio da vivência e o olhar da entrevistada que é membro do Movimento dos Focolares, a proposta é mostrar algumas relações entre o ecumenismo e esse movimento, que pode ser visto como um “espaço” expressivo para a realização de várias atividades ecumênicas.

### **PERGUNTAS:**

1. Qual a ligação do Movimento dos Focolares com a vivência ecumênica?
2. Como começou seu envolvimento com o trabalho no campo ecumênico e por quais razões?
3. Pela vivência no Focolares, pode nos contar algum relato da experiência concreta ecumênica?
4. Quais ações em conjunto entre as igrejas você poderia destacar?
5. Quais as principais barreiras para difusão do ecumenismo? E quais ações colaboram para promovê-lo?
6. De que forma o ecumenismo contribui para a sociedade?
7. A sua dissertação de mestrado foi sobre as “Contribuições do Movimento dos Focolares ao ecumenismo”. Por sua pesquisa, quais são as principais contribuições que você pode identificar?

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 03**

**ENTREVISTADA:** Romi Márcia Bencke, secretária geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC)

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Por Skype, 19 de agosto, às 19h

**DIRECIONAMENTO:** Compreender o que é o CONIC, quais são as principais ações enquanto organismo ecumênico. Como se trata de uma instituição representativa das igrejas que oficialmente aderem ao ecumenismo no Brasil, é possível buscar uma visão mais geral sobre o movimento ecumênico em nível nacional.

### **PERGUNTAS:**

1. Como funciona, na prática, o CONIC? Como ele é composto, quais as funções, atividades?
2. Por ter a participação de diferentes Igrejas, como é feita a eleição para a Diretoria do CONIC?
3. Existem as Igrejas Membro, que fazem parte oficialmente do CONIC, e existem algumas que não são. Nas realidades locais, dos grupos ecumênicos, às vezes pode acontecer de alguma Igreja que não é, querer fazer parte. Qual é a posição do CONIC em relação a isso?
4. Como funciona em relação a recursos financeiros? O CONIC tem algum fundo? Como ele se mantém?
5. O CONIC foi fundado no sul do país, em Porto Alegre e depois se mudou para Brasília. Porque houve essa mudança? Tem alguma relação com o fato de ser a capital do país? Como se dá essa relação com o governo federal?
6. Sobre a relação entre Estado e Igreja que foi discutida na última Assembleia do CONIC, de uma maneira geral, quais são os principais apontamentos da organização sobre esse tema?
7. Em 2012 foi a comemoração dos 30 anos do CONIC. Vocês chegaram a pensar quais são as principais dificuldades e quais fora os principais avanços para divulgar o movimento ecumênico no Brasil?

8. Como você vê a representação de ecumenismo como ponte entre as Igrejas?
9. Soubemos que você já esteve em diferentes países. Você sentiu uma compreensão diferente do ecumenismo nos vários lugares em que passou?
10. Como você é pastora da Igreja Luterana, de que forma procura levar a realidade ecumênica aos membros da sua Igreja?
11. O que te motiva a continuar trabalhando em prol do ecumenismo?

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 04**

**ENTREVISTADA:** Sandra Ferreira Ribeiro.

É teóloga, católica, nasceu em 1955, formou-se em física pela USP e teologia pela Universidade Lateranense de Roma. É mestra em teologia na área de ecumenismo pelo Instituto São Bernardino de Veneza (Itália), formada em Sociologia da Religião pela USP. Atualmente, dirige o centro Ginetta de documentação e memórias da co-fundadora do Movimento dos Focolares em Vargem Grande Paulista no estado de São Paulo.

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** por Skype, no dia 26 de agosto, às 17h30min.

**DIRECIONAMENTO:** O objetivo é ter um panorama do ecumenismo, tanto conceitualmente como a situação dele hoje no Brasil. Evidenciar as dificuldades encontradas, os avanços já obtidos e quais as perspectivas do movimento ecumênico.

**Importante lembrar que:** Como a entrevistada é especialista em ecumenismo, pretendemos utilizar essa entrevista em modelo pingue-pongue na reportagem.

### **PERGUNTAS:**

1. Como se deu o seu envolvimento com o tema do ecumenismo?
2. Como você define ecumenismo para pessoas que são leigas no assunto?
3. Em sua opinião, quais os reflexos mais fortes que o ecumenismo tem na sociedade?
4. Quais as confusões mais comuns em relação ao ecumenismo?
5. Pode nos dar alguns exemplos de experiências concretas na vivência do ecumenismo?
6. Encontram-se vários documentos e publicações sobre ecumenismo de autoria da Igreja Católica Romana. A estruturação do movimento ecumênico foi influenciada por essa igreja?
7. A participação da Igreja Católica Romana dificulta a aceitação e entrada de outras igrejas no ecumenismo? Há algum tipo de receio?

8. Pela dimensão da Igreja Católica Romana no mundo, você acha que a chegada do Papa Francisco vai impulsionar algo novo dentro do ecumenismo?
9. Embora se fale no crescimento do ateísmo em algumas partes do mundo, as religiões tem se tornado forças influentes na sociedade. Quais as principais barreiras para que movimento ecumênico cresça e também se fortaleça?
10. É necessário que existam pontos em comum entre as igrejas para exista o diálogo? Esses pontos são somente doutrinários? Quais são eles?
11. Vemos que as igrejas muitas vezes conseguem se unir em torno de ações sociais. Essa seria a única ação prática do movimento ecumênico? Você tem exemplos concretos de que isso acontece? Tem conhecimento de exemplos em nível mundial?
12. Na descrição do seu livro ***“Ecumenismo: simples tolerância ou um estilo de vida”*** fala-se que “apesar de tudo, o mundo de hoje experimenta uma onda de comunhão universal que penetra a história do gênero humano”.
13. Em que sentido, ou em quais aspectos, você considera que o mundo experimenta essa unidade? É somente no sentido religioso?
14. Algumas denominações cristãs, como os luteranos, metodistas e anglicanos, veem a ideia do ecumenismo com bons olhos. No entanto, sabemos que os pentecostais, neopentecostais e batistas, de modo geral, não são favoráveis a essa prática. Por quê? Como é possível “quebrar” essa barreira?
15. Existem ambientes ou contextos que são mais propícios para a propagação do ecumenismo?
16. Talvez você tenha uma visão mais global do ecumenismo. Em quais regiões do mundo a prática ecumênica é uma realidade mais presente?
17. Uma imagem que se tem do ecumenismo é a de que “seja uma ponte” entre as Igrejas. Quais os principais ideais do ecumenismo que são representados por essa imagem?
18. Até onde você considera que o ecumenismo já avançou e como vai prosseguir?

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 05**

**ENTREVISTADA:** Liana Harami, jovem greco-ortodoxa que vive em Jerusalém

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Por Skype, dia 27 de agosto, às 11h30 (horário de Brasília)

**DIRECIONAMENTO:** A entrevistada mora em Jerusalém, que é uma cidade de referência para os cristãos. Então, o objetivo é mostrar como é conviver com diferentes religiões e Igrejas nesse local que é um ambiente histórico, e de que maneira isso se reflete na vida dela e de outras pessoas.

Outra possibilidade é mostrar a diferença entre ecumenismo e diálogo inter-religioso utilizando o exemplo do contato da entrevistada com pessoas de diferentes religiões (diálogo inter-religioso) e de diferentes igrejas cristãs (ecumenismo).

Uma vez que a entrevistada é membro da Igreja Cristã Ortodoxa Grega, também é interessante abordar quais características específicas de sua Igreja “provocam” a aproximação com as outras igrejas cristãs.

### **PERGUNTAS:**

1. Antes de tudo, gostaria de saber um pouco sobre você. Qual sua idade, o que estuda ou em que trabalha?
2. Você sempre morou em Jerusalém?
3. Sempre participou da Igreja Cristã Ortodoxa Grega?
4. Quais são suas principais atividades na igreja? A sua família também participa?
5. Como é viver em um lugar que reúne religiões e igrejas diferentes?
6. Você possui amigos que pertencem a outras igrejas? Como é a convivência com eles?
7. Qual seu contato com a ideia de ecumenismo? Tem alguma experiência específica para contar? Existem grupos ecumênicos em Jerusalém?
8. Pensando na diversidade de religiões e igrejas cristãs que estão presentes em Jerusalém, você acha que existe uma vivência ecumênica ou um diálogo inter-religioso?
9. Na Igreja que frequenta existe iniciativa em busca de ecumenismo?

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 06**

**ENTREVISTADO:** Jovem alemão Cornelius Krüger (luterano)

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Por Skype, dia 6 de setembro, às 13h

**DIRECIONAMENTO:** O objetivo dessa entrevista é conhecer a história de um jovem que vive a experiência ecumênica especialmente em suas amizades. Pode-se explorar o contexto em que a fonte se insere, na Alemanha, para observar as diferenças de uma vivência ecumênica fora do Brasil e, especialmente, na Europa continente onde tanto se fala na redução do número de cristãos.

### **PERGUNTAS:**

1. Antes de tudo, gostaríamos de saber um pouco sobre você. Qual sua idade, o que estuda na universidade? Você trabalha?
2. Você sempre foi luterano?
3. Poderia algumas características específicas da sua igreja?
4. Qual foi seu primeiro contato com a ideia de ecumenismo?
5. De quais atividades ecumênicas você participa atualmente?
6. Você já participou de alguma celebração ecumênica? Saberíamos dizer algo sobre como se desenvolve o movimento ecumênico na Alemanha?
7. Qual a opinião da sua família em relação a essa sua postura aberta ao ecumenismo?
8. O contato com o ecumenismo mudou sua postura em relação às diferenças que existem entre a sua igreja e as outras?

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 07**

**ENTREVISTADOS:** Luís Montanha (católico) e Varnete Montanha (presbiteriana)

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Em Botucatu, na casa da família, dia 14 de setembro, às 14h

**DIRECIONAMENTO:** Essa pauta deve ser executada com o objetivo de ilustrar a reportagem com personagens que procuram viver a realidade do ecumenismo em seu casamento. Procurar captar as dificuldades, alegrias, as experiências da família no cotidiano de um casal que participa de Igrejas cristãs diferentes.

### **PERGUNTAS:**

1. De quais igrejas vocês fazem parte hoje? Vocês já participaram de outras?
2. Quando vocês se conheceram, o fato de participarem de igrejas diferentes interferiu em algo? Houve alguma oposição por algum dos lados das famílias?
3. Vocês conversavam ou ainda conversam muito sobre as diferenças entre as Igrejas?
4. Essa realidade dos pais pertencerem a igrejas diferentes interferiu na criação da filha de vocês? Hoje ela já optou por uma igreja?
5. Qual foi o primeiro contato de vocês com a ideia de ecumenismo? E hoje, vocês conseguem viver na prática essa proposta de unidade no dia a dia?
6. Vocês costumam frequentar as Igrejas um do outro?  
**Se sim:** A pergunta que a grande maioria se faz: Como se sentem, o que fazem em momentos que as orações ou o significado dos rituais são diferentes?  
**Se não:** Por quê?
7. Como vocês percebem que o ecumenismo é compreendido dentro das Igrejas de vocês, no âmbito local mesmo? (As pessoas sabem o que é? os representantes das Igrejas falam sobre isso? Há uma abertura, receio ou falta conhecimento e interesse?)

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 08**

**ENTREVISTADOS:** Frei Constantino (Igreja Católica Romana); Pastor Benedito (Assembleia de Deus) e Kioshi (leigo católico)

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Em Botucatu, na casa do leigo Kioshi, dia 5 de outubro, às 14h

**DIRECIONAMENTO:** A proposta é apresentar uma experiência de amizade entre pessoas de diferentes igrejas, porém, ir mais além, pois uma amizade em especial se dá entre lideranças de denominações: um frei (que pertence a Ordem de São Francisco de Assis, da Igreja Católica Romana) e um pastor da igreja Assembleia de Deus (a maior denominação protestante no Brasil).

Junto ao frei e pastor, a entrevista envolve o leigo católico Kioshi que faz parte do Grupo Ecumênico de Botucatu (experiência que também nos interessa para conhecer quais ações ecumênicas são realizadas na cidade). Outro fato é que Kioshi foi quem apresentou frei e pastor, aproximação que, por meio da pesca, gerou uma amizade que superou os limites da igreja.

### **PERGUNTAS:**

1. Como se deu o início da amizade de vocês?
2. Em todos esses anos de amizade, vocês chegaram a conversar sobre questões doutrinárias?
3. A amizade entre vocês proporcionou alguma aproximação entre as igrejas ou alguma troca de experiências que é levada para a vida religiosa?
4. A Igreja Católica é uma incentivadora do ecumenismo. Frei Constantino, como o senhor pertence aos franciscanos, com base nessa espiritualidade, quais seriam os modos de se viver o ecumenismo?
5. Pastor Benedito, qual é a posição da Assembleia de Deus em relação ao ecumenismo e qual é a sua posição, pessoal?
6. Até que ponto a posição da Igreja que vocês representam interfere na prática de uma relação com outras igrejas?

7. Pastor Benedito, o senhor consegue levar essa realidade de ecumenismo dentro da sua Igreja? De que forma?
8. Sabemos que existem muitos preconceitos na visão dos católicos em relação aos evangélicos e vice-versa. Depois desses anos de amizade, como vocês vêem esses preconceitos?
9. Na opinião de vocês, qual a influência do ideal ecumênico na sociedade?
10. Qual o envolvimento de vocês com as atividades ecumênicas em Botucatu?

**Kioshi:**

11. Como e quando surgiu o Grupo Ecumênico de Botucatu?
12. Como é o envolvimento das pessoas em Botucatu com a questão ecumênica, quem participa são os membros das igrejas ou os representantes das igrejas se envolvem também?
13. Quais são as principais atividades do grupo ecumênico em Botucatu, tanto em relação à formação quanto a ações práticas ecumênicas?

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 09**

**ENTREVISTADO:** Pastor Gílson Souto Maior da Igreja Batista do Estoril em Bauru

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Igreja Batista do Estoril (Rua Virgílio Malta, 21-59 – Jardim Estoril), dia 9 de outubro, às 17h

**DIRECIONAMENTO:** A proposta é mostrar os argumentos de uma igreja que não adere ao ecumenismo. Falando com o pastor representante da Igreja Batista do Estoril, pretende-se conhecer alguns desses argumentos, sempre com o cuidado de não generalizar a situação a partir das respostas, uma vez que essas serão razões apenas dessa igreja local.

### **PERGUNTAS:**

1. Quais são as características específicas da Igreja Batista em relação à doutrina, ou seja, o que a diferencia dentre as outras igrejas evangélicas?
2. Algumas Igrejas são favoráveis ao ecumenismo. Quais são os argumentos da Igreja Batista em relação a esse tema? Há um posicionamento contra ou a favor?
3. Em todos os seus anos de ministério, houve algum tipo de abertura ao diálogo com outras Igrejas?
4. Essa questão ecumênica já foi discutida dentro da Igreja Batista do Estoril? Se sim, qual é o posicionamento dos fiéis?
5. Na Bíblia, está manifestado um pedido de Jesus: “Pai, que todos sejam um”. Qual a sua compreensão a respeito da palavra unidade?

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 10**

**ENTREVISTADO:** Agemir de Carvalho Dias. É historiador e também possui formação em teologia.

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Por e-mail, respostas recebidas em 17 de outubro.

**DIRECIONAMENTO:** Abordar a trajetória histórica do cristianismo e do ecumenismo.

### **PERGUNTAS:**

1. Observando a trajetória histórica das Igrejas, em que ponto e por quais motivos elas passam a pensar em desenvolver ações em conjunto?
2. Ao longo de toda a história do cristianismo, houve várias divisões que resultam, hoje, em um complexo quadro com inúmeras denominações. Tendo isso como base, como você observa o papel do movimento ecumênico?
3. Pensando na realidade das Igrejas cristãs, parece que a tendência é que cada vez mais se surjam novas denominações. Isso é resultado de fatores apenas religiosos ou também históricos?
4. Enquanto esforço de aproximação entre as Igrejas Cristãs, o ecumenismo parece algo bom para a sociedade. Quais motivos podem ser apontados para explicar porque há dificuldade na aceitação e difusão desse ideal?
5. No Brasil, a religião parece estar cada vez mais presente em diferentes espaços: na política, nos meios de comunicação, na realização de projetos e campanhas sociais, por exemplo. Historicamente, porque isso acontece e quais as consequências?
6. Quais foram as principais contribuições do ecumenismo em território brasileiro? E suas dificuldades?

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 11**

**ENTREVISTADA:** Sônia Gomes Mota – Diretora Executiva da CESE

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Por e-mail, respostas recebidas em 4 de novembro. Contato: [sonia@cese.org.br](mailto:sonia@cese.org.br)

**DIRECIONAMENTO:** Compreender qual o papel desse organismo ecumênico, quais igrejas envolve, como é organizado, suas características e alguns de seus projetos.

### **PERGUNTAS:**

1. Vimos que a CESE teve um stand na feira ONG Brasil 2013. A CESE é uma ONG?
2. Embora seja uma entidade ecumênica, a CESE apoia projetos que não estão relacionados às igrejas. Qual a importância disso?
3. Por meio do conteúdo do site, temos uma ideia de que a CESE também poderia ser considerada uma “catalisadora de recursos financeiros” para o apoio em projetos de organizações populares. O que é, de fato, o apoio aos projetos (financeiro, espaço físico, materiais etc)?
4. Existem dificuldades no funcionamento da Coordenadoria após 40 anos de existência? E qual foi o maior avanço?
5. A Coordenadoria é composta por seis igrejas, qual é a relação delas com os projetos? Até que ponto elas se envolvem? (Por exemplo, são os membros das Igrejas que trabalham nos projetos?)

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 12**

**ENTREVISTADO:** Alexandre Pupo Quintino, jovem da Igreja Metodista

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Por e-mail, respostas recebidas em 20 de novembro

**DIRECIONAMENTO:** A proposta da entrevista é mostrar como foi a 10ª Assembleia Geral do CMI pela visão de um participante.

### **PERGUNTAS:**

1. Uma apresentação sua: qual sua idade, o que estuda ou em que trabalha?
2. Como começou o seu envolvimento com o ecumenismo?
3. Como surgiu a possibilidade de participar da 10ª Assembleia Geral do CMI? Lá, o que mais te chamou a atenção?
4. A Igreja Metodista é membro do CMI, mas não está mais vinculada ao CONIC no Brasil. No entanto, você parece participar de forma ativa em prol do ecumenismo. Como você trabalha com essa questão?
5. Após essa experiência da Assembleia do CMI, o que você pode mudar na prática em sua vida aqui no Brasil? Mudou sua forma de ver algo?
6. Por seu relato, vimos que, ao longo da programação da Assembleia, foram discutidos temas pontuais. O que pode nos relatar sobre as reflexões e debates a respeito da questão na Palestina? Há uma posição do CMI quanto a essa situação?
7. Vimos que você tem um blog pessoal:  
<<http://sacrariopessoal.wordpress.com>>

Podemos utilizar trechos do texto no qual você relata um pouco a experiência da Assembleia em Busan? No caso, seria esse texto:

<[http://sacrariopessoal.wordpress.com/2013/11/19/relatorio-10a-  
assembleia-do-conselho-mundial-de-igrejas/](http://sacrariopessoal.wordpress.com/2013/11/19/relatorio-10a-assembleia-do-conselho-mundial-de-igrejas/)>

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 13**

**ENTREVISTADA:** Lucyvanda Amorim Moura, organizadora do livro sobre os 40 anos da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) lançado em 2013.

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Por e-mail, respostas recebidas em 28 de novembro. Contato: [lu@cese.org.br](mailto:lu@cese.org.br)

**DIRECIONAMENTO:** Lançamento do livro “Ecumenismo e Cidadania: A trajetória da Coordenadoria Ecumênica de Serviço” feito em comemoração aos 40 anos da CESE. Como a entrevistada esteve em contato com a história da organização, podemos procurar saber também informações sobre a CESE.

### **PERGUNTAS:**

1. Uma apresentação: qual sua idade, formação e com que trabalha?
2. Quando e como você começou a se envolver com os trabalhos da CESE?
3. Como foi a preparação do livro, quanto tempo durou? Quais textos o compõem?
4. Em sua opinião, qual a importância desse livro?
5. O livro traz um balanço desses 40 anos de CESE? Saberá dizer quais foram as principais dificuldades e conquistas nessa trajetória?
6. Quais momentos mais importantes da história da CESE são mostrados no livro?

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 14**

**ENTREVISTADA:** Loriza Lacerda, socióloga e pesquisadora da Unesp de Bauru

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Por e-mail, respostas recebidas em 06 de janeiro

**DIRECIONAMENTO:** O objetivo dessa entrevista é conseguir uma visão sociológica a respeito do ecumenismo.

### **PERGUNTAS:**

1. Qual seria uma visão sociológica do que é o ecumenismo?
2. Quais as principais consequências que a iniciativa ecumênica pode trazer para a sociedade?
3. A busca de unidade entre as igrejas pode influenciar, por exemplo, no desenvolvimento das cidades? Em quais aspectos?
4. Pensando na realidade das igrejas cristãs, parece que a tendência é que cada vez mais surjam novas denominações. Isso também pode ser resultado de fatores sociais? Quais?
5. Diante dos conflitos religiosos que existem na sociedade, você acredita que o ecumenismo possa ser capaz de contribuir para uma maior tolerância no campo religioso? De que forma?

## **REPORTAGEM: Construindo Pontes**

### **PAUTA 15**

**ENTREVISTADO:** Luís Henrique Marques, jornalista com doutorado em História da Religião

**LOCAL E DATA DA ENTREVISTA:** Por Skype, 7 de janeiro, às 20h

**DIRECIONAMENTO:** Buscar informações sobre a trajetória das igrejas cristãs, especialmente no que se refere às principais divisões que ocorreram no cristianismo.

### **PERGUNTAS:**

1. Quais são os principais marcos históricos das divisões do cristianismo?
2. É correto dizer que a primeira divisão de igrejas se deu com o cisma do oriente em 1054?
3. Antes do cisma, os cristãos se diferenciavam entre si por quais aspectos? (pensando em cultura, língua etc)
4. Por que se fala em concílio ecumênico antes do cisma de 1054?
5. Por que se diz que o Concílio de Trento também foi um Concílio Ecumênico?
6. Após a Reforma Protestante, parece que a tendência é que cada vez mais haja divisões entre as igrejas e o surgimento de novas denominações. As diferenças doutrinárias são o principal motivo que causa essas separações?

## Estilo e Padronização da escrita na revista *Época*

Em nossa pesquisa sobre a revista *Época*, não encontramos um manual de redação e estilo, e também não tivemos resposta nas tentativas de contato com a equipe de profissionais do veículo.

Para auxiliar na adequação textual de nossa grande reportagem, seguimos um modelo elaborado pelas estudantes Helena Botelho Gomes e Nathalia Sardelli Pinha em seu relatório que, como o nosso, se tratou da produção de uma grande reportagem nos moldes da revista *Época*.

Neste trabalho, para descrever as características abaixo, utilizamos como base duas edições da revista *Época*: edição nº 738, reportagem especial “O Universo, Deus e você”; e edição nº 791, reportagem especial “10 lições de vida do papa”.

- **Uso de maiúsculas**

### **1. Topônimos** (*substantivos próprios que designam lugares*)

Estados Unidos, Missouri, Saara, Suíça, França, Connecticut, Inglaterra, Brasil / Buenos Aires, Rio de Janeiro, Sorbonne, Paris, Tijuca, Complexo de Manguinhos, Morro do Sumaré, Maracanã, Copacabana Palace, Palácio São Joaquim, Faixa de Gaza (é usado referindo-se ao apelido de uma rua no Rio de Janeiro, p. 42/43 reportagem especial “10 lições de vida do papa”), Vaticano, Estado (também quando se refere às divisões territoriais do Brasil)

Exemplo: “... o papa visitará os Estados do Rio e São Paulo” (p. 38 - “10 lições de vida do papa”)

#### **1.1 Nos pontos cardeais e expressões que indicam regiões**

Zona Norte do Rio, Zona Sul, Zona Oeste, Leste Europeu, Hemisfério Sul, América Latina, Ocidente, Américas (continente), Oriente Médio

### **2. Intitulativos** (nomes ou expressões que se referem a títulos)

#### **2.1 Entidades e instituições ligadas ao Estado**

Estado (no sentido de país), Embaixada do Brasil

**Exceção:** governos municipal, estadual e federal (p. 43 - “10 lições de vida do papa”),

governo do Rio (p. 44 - “10 lições de vida do papa”)

## **2.2 Entidades religiosas**

Deus, Cristo, Criador, Juiz, Supremo, Jesus Cristo, São Pedro

**Exceção:** Mestre e mestre: quando a revista cita o texto bíblico, reproduz Mestre com letra maiúscula. Ex: “Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor...” (p. 56 - “10 lições de vida do papa”)

## **2.3 Eventos religiosos**

Hanucá (festa judaica), Via-Sacra, Lava-pés, Última Ceia de Jesus, Jornada (referindo-se a Jornada Mundial da Juventude)

## **2.4 Nomes de fatos históricos e importantes**

Revolução Industrial

## **2.5 Forças Armadas**

Polícia Militar

Exército

## **2.6 Instituições culturais e religiosas ou nomes de empresas**

Universidade da Carolina do Norte, Academia Nacional de Ciência, Universidade do Texas, Dartmouth College, Grande Biblioteca de Alexandria, Theatro Municipal do Rio, Igreja Católica, Arquidiocese, Radio del Estado, Cúria Romana

### **Exceção:**

arquidiocese é escrito com letra minúscula (p. 40 - “10 lições de vida do papa”)

“igreja” é usada com letra minúscula quando não se refere a uma denominação específica

Exemplos: “Seu segredo, ao longo de toda a vida, foi a inserção - na família, na escola, no grupo de amigos, na igreja” (p. 50 - “10 lições de vida do papa”)

“Falou com o jornalista, o dentista e os funcionários da igreja” (p. 50 - 10 lições de vida do papa)

## **2.7 Locais de culto**

Santuário de Nossa Senhora Aparecida

## **2.8 Títulos de livros e outras publicações**

Epístola de São Paulo aos Filipenses, Novo Testamento, Evangelhos

**Exceção:** “carta de São Paulo” embora seja um livro bíblico, carta aparece escrita com letra minúscula

## **2.9 Escolas Artísticas**

Renascença, Humanismo

Há variações quanto a “Humanismo”. Ex: “um dos precursores do humanismo italiano” (p. 60- 10 lições de vida do papa)

## **2.10 Torneios, campeonatos e eventos esportivos**

Copa das Confederações

## **2.11 Teorias**

Teoria da Evolução, Modelo Padrão (teoria), Teoria Quântica de Campos, Teoria das Cordas, Teoria Corpuscular da Luz, Teoria da Gravitação Universal, Mecânica Quântica, Teologia da Libertação

## **2.12 Prêmiações**

Nobel de Física, Nobel

## **2.13 Tempo indicando período histórico**

Antiguidade, Idade Média, Era Moderna, Império Romano

**Exceção:** história moderna

## **2.14 Marcas**

Mercedez-Bens (marca), Fusca

- **Uso de minúsculas**

# **1. Cultos religiosos**

missa

## 2. Substantivo que acompanha nome de instituição

hospital São Francisco de Assis, capela São Jerônimo Emiliani, associação franciscana

## 3. Cargos e títulos

### 3.1 profissionais

presidente, governador, diretor do hospital

### 3.2 eclesiásticos

cardeal, papa, bispo, frei, padre, seminarista, jesuítas, irmã (quando se refere à freira), monges, frade

## 4. Doutrinas e Religiões

cristã, reducionismo, cristianismo, atomismo, catolicismo, comunismo, fascismo, nazismo, marxismo

- Uso de itálico

## 1. Título de livros, documentos e nomes de produções artísticas

*A partícula de Deus* (título do livro de Leon Lederman)

*A vida de Francisco* (livro)

*Francisco de Assis e Francisco de Roma* (livro)

*The Big Bang Theory* (série de tv)

*Lumen fidei* (encíclica escrita pelo papa)

*Saudação às virtudes* (texto escrito por São Francisco de Assis)

## 2. Observações entre parênteses que explicam uma informação

Exemplo:

“Ele ainda vive num pequeno quarto na Casa Santa Maria (*o alojamento em que os cardeais eleitores ficam durante os conclaves...*)” “Joseph Ratzinger (*Bento XVI*)” (p. 54 - “10 lições de vida do papa”)

**Observação:** Não são escritas em itálico palavras em inglês ou outros idiomas.

Exemplo: Black Block

- **Uso de siglas e símbolos**

## **1. Siglas**

*Escreve-se o significado na primeira citação, e repete-se apenas a sigla.*

Organização Europeia para Pesquisa Nuclear (Cern), Universidade Estadual Paulista (Unesp), PUC de São Paulo, Jornada Mundial da Juventude (JMJ), Polícia Federal (PF)

### **Exceção:**

TV e televisão são usados das duas formas (p.56 O Universo, Deus e você)

Não é utilizado sigla em Organização Mundial do Comércio

Polícia Federal também aparece sem utilização da sigla.

Exemplo: “A Polícia Militar e a Polícia Federal cuidarão de dois eventos em Copacabana” (p. 45 - “10 lições de vida do papa”)

## **2. Símbolos**

### **2.1 Cifrão**

São usados os símbolos que indicam moeda: \$; €; R\$

Há variação no símbolo do dólar.

Exemplo: “Cada um avaliado em mais de US\$ 120 mil” (p. 52 - “10 lições de vida do papa”)

### **2.2. Porcentagem**

Utiliza-se o símbolo (%)

### **2.3 Distâncias e medidas**

São escritas por extenso: metros, quilômetros, quilos

- **Uso de numerais**

**1. A revista escreve por extenso numerais de zero a nove.**

Exemplo: “A sede do governo do Rio, o Palácio da Guanabara, já foi atacada duas vezes neste mês...” (p. 44 - “10 lições de vida do papa”)

“Três caminhões equipados com câmeras ficarão...” (p. 45 - “10 lições de vida do papa”)

**2. Com mil, milhão, bilhão e trilhão, a revista usa grafia mista.**

Exemplos: 25 milhões, 100 mil

**3. Nas enumerações, a revista usa apenas algarismos.**

**4. Ao indicar idades, datas e horários, a revista usa apenas algarismos, no entanto, ao indicar duração de tempo usa grafia mista.**

Exemplos: 17 horas, 11 minutos

**5. Unidades de medida são grafadas apenas em algarismo.**

**6. A revista não inicia frases com algarismos.**

**7. As classes de um numeral são separadas com ponto.**

**8. Os números ordinais são expressos por extenso.**

**9. Dias da semana são escritos por extenso**

Exemplo: quarta-feira

## **10. Numerais romanos**

### **10.1 Para referência de tempo**

Exemplo: “século XIX”

### **10.2 Nomes de papas**

Exemplo: Bento XVI, João Paulo II, João Paulo I

